



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, LETRAS, ARTES, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LECI LESSA DE CARVALHO

**O USO DO VÍDEO POR PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A
PANDEMIA: ERROS E ACERTOS**

Uberaba

2023

O USO DO VÍDEO POR PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA: ERROS E ACERTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Fundamentos e Práticas Educativas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Bujokas Siqueira

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C325u Carvalho, Leci Lessa de
O uso do vídeo por professoras da educação básica durante a pandemia:
erros e acertos / Leci Lessa de Carvalho. -- 2023.
97 f. : il., tab.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal do Tri-
ângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2023
Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Bujokas Siqueira

1. Educação - Métodos de ensino. 2. Educação básica. 3. Videoteipes na
educação. 4. Inovações educacionais. 5. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I.
Siqueira, Alexandra Bujokas. II. Universidade Federal do Triângulo Minei-
ro. III. Título.

CDU 371.3

LECI LESSA DE CARVALHO

O USO DO VÍDEO POR PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA: ERROS E ACERTOS

Data da aprovação: 06/09/2023

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Alexandra Bujokas de Siqueira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo César Gomes (UNESP - Botucatu)

Membro Titular: Prof. Dr. Natália Aparecida Morato Fernandes (UFTM).

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Programa de Pós-graduação em Educação
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

“Recusar a identificação da figura da professora com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à tia. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à professora: sua responsabilidade profissional de que a exigência política por sua formação permanente faz parte.”

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa investigou o modo como professoras da Educação Básica se apropriaram da tecnologia e linguagem do vídeo para ministrar suas aulas no período de ensino remoto emergencial, durante a pandemia de Covid-19. O objetivo é compreender de que modo elas se adaptaram às normatizações do sistema administrativo educacional, lidaram com questões de formação em condições geralmente precárias, que tipo de acesso tiveram às tecnologias e como avaliam o resultado da experiência. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos descritivos. Os procedimentos metodológicos usados foram a pesquisa bibliográfica (em especial acerca da linguagem do vídeo e das possibilidades de uso na educação formal) e documental (estudo dos materiais, resoluções e outros documentos pertinentes que nortearam a oferta de ensino remoto durante a pandemia), entrevistas semi-estruturadas com cinco professoras da educação básica e análise de vídeos produzidos pelas participantes. Ao término da pesquisa, identificamos limitações e soluções que foram encontradas pelas professoras para continuar o seu trabalho em um cenário inusitado e desfavorável.

Palavras-chave: Educação básica, Pandemia, Uso do vídeo

ABSTRACT

The research examined how teachers in Elementary Education used technology and video language to conduct their classes during the period of emergency remote teaching amid the Covid-19 pandemic. The objective is to comprehend how they adapted to the regulations of the educational administrative system, dealt with training issues under generally precarious conditions, what kind of access they had to technologies, and how they assess the outcome of the experience. This study adopts a qualitative approach with a fundamental nature, focused on descriptive objectives. The methodological procedures employed consisted of bibliographic research (particularly concerning video language and its potential applications in formal education) and documentary research (study of reports, and other relevant documents that guided the provision of remote teaching during the pandemic). Additionally, semi-structured interviews were conducted with five teachers from the elementary education sector, and an analysis of videos produced by the participants was undertaken. At the conclusion of the research, limitations and solutions were identified that the teachers encountered in order to sustain their work within an unprecedented and unfavorable scenario.

Keywords: Elementary Education, Pandemic, Video using

LISTA DE SIGLAS

CNE - Conselho Nacional de Educação

CRMG - Currículo Referência de Minas Gerais

EF – Ensino Fundamental

ERE – Ensino Remoto Emergencial

LDB - Leis de Diretrizes e Base da Educação

MEC - Ministério da Educação

PEB I - Professores de Educação Básica I

PEB II - Professores de Educação Básica II

SINDEMU- Sindicato dos Educadores Municipais de Uberaba

REANP - Regime Especial de Aulas Não Presenciais

PET - Planos de Estudos Tutorado

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de material do Programa de Estudos Tutorado.....	16
Figura 2 – Still do programa “Rainha da Cocada”	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formatos mais comuns de vídeos educativos.....	31
Quadro 2 – Quadro analítico A	38
Quadro 3 – Quadro analítico B	38
Quadro 4 – Quadro analítico C	39

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
2. INTRODUÇÃO	13
3. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: O PROCESSO	15
4. UMA ATIVIDADE FEMININA, AGORA DIGITAL	25
5. O VÍDEO NA EDUCAÇÃO	28
5.1. PRODUÇÃO AMADORA	34
5.2. ESTRATÉGIAS DE USO	36
6. DESENHO METODOLÓGICO	42
7. DESENVOLVIMENTO	43
7.1. O ESFORÇO PARA PRODUZIR CONTEÚDO	54
8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A – Questionário para entrevista semiestruturada	
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
APÊNDICE C – Transcrição integral das entrevistas com as professoras	
ANEXO A – Parecer de aprovação do CEP	

1. APRESENTAÇÃO

Sendo neta e filha de professoras sempre estive presente e envolvida com os projetos e atividades escolares. Observei e participei de muitos momentos de formação de professores mesmo quando eu ainda era aluna. Pois a jornada tripla que minha mãe precisava ter para ajudar na criação dos filhos, me fizeram estar em contato direto com o ambiente escolar.

A dedicação, a preocupação e as tarefas que minha avó e minha mãe tinham com a escola e seus alunos muitas vezes ultrapassam os limites de suas funções. Por vezes as vi reclamar da falta de material didático para lecionar. Não era possível “rodar uma prova” sem o álcool. Lembro que algumas vezes, eu fui até a vendinha para comprar, fiado, um litro de álcool e papel estêncil para que elas pudessem avaliar seus alunos.

Embora eu tenha acompanhado esse dilema das matriarcas da minha família, formei em Letras e posteriormente Pedagogia. Não sei se a formação foi por vontade própria ou por apenas seguir um sistema da época, que determinava nossos destinos e nossas profissões, a partir das profissões de nossos pais e avós. Só sei que hoje sou professora seguindo os passos da família. A diferença é que para eu ser a “professorinha” da cidade o sistema exigiu de mim uma formação escolar maior que as das minhas antecessoras. E independente de vontade ou exigência social implícita, estou feliz e a cada pesquisa feita, sinto satisfação em realizar o ato de ensinar.

Lamentavelmente, noto que nesses 16 anos de profissão muitos dos problemas enfrentados por minhas “divas” ainda não foram superados.

Ao longo desses quase 17 anos de magistério sempre busquei compreender pessoas, processos, vivências, emoções e por isso me interessava em metodologias inovadoras para poder auxiliar minhas colegas com possíveis dificuldades que surgissem no uso das tecnologias. Já que não podíamos aprender nas formações continuadas, pois as mesmas eram limitadas em avisos de eventos e entrega de papelada que a Secretaria de Educação mandava para as escolas. E assim, as dúvidas e anseios iam acumulando, porque não tínhamos espaços para estudos que pudessem sanar algumas dúvidas e resolver anseios.

Além de exercer a docência em Coruripe, interior de Alagoas, cidade onde nasci, pude trabalhar também em Minas Gerais e São Paulo, por isso tive a

oportunidade de conhecer diferentes realidades institucionais e experiências individuais, o que me motivava a aprender cada vez mais, pois a maioria das dificuldades encontradas era comum a todas as minhas colegas de profissão. Como por exemplo, o uso do vídeo na sala de aula.

Com a obrigatoriedade da exibição de produções de filmes nacionais dentro do currículo das escolas públicas brasileiras por, pelo menos, duas horas mensais em sua grade curricular imposta pela lei nº 13.006 de 2014. Para atender a essa exigência, muitas vezes sai da minha sala de aula para acudir outra colega na sala de aula dela para manusear o aparelho *data show* e notebook. Outras vezes, fui à casa de colegas auxiliá-las na escolha ou recortar algum vídeo para ser usado na sala. Os recreios, que deveriam ser momentos de comer e ir ao banheiro, muitas vezes, foi para atender a um pedido de ajuda de alguma colega com uso de aparelhos audiovisuais. E as demandas se repetiam e aumentavam.

Temos a percepção que nosso preparo para a atuação profissional impacta direta e indiretamente em todos os aspectos de nossas vidas, podendo gerar inclusive adoecimentos físicos e mentais. Por várias vezes, observei no rosto e no tom da voz de professoras certo constrangimento em me pedir ajuda por estar me tirando do meu horário de lanche, para fazer algo que ela poderia ter aprendido na formação continuada, se ela fosse eficaz e atendesse as necessidades profissionais do professor.

Assim como eu, acredito que em muitas outras escolas, as professoras também se ajudavam. Mas e na Pandemia? Como houve esse auxílio? Sabemos que o audiovisual é um dos recursos tecnológicos que pode estreitar a relação entre professor e aluno independente da distância. Como o caso da Pandemia que levou ao isolamento social.

A busca é entender como alguém que solicitava ajuda para ligar e desligar notebook na sala no período presencial se virou para entrar e sair nas salas de aula digitais, como o Google sala de aula, as plataformas *Google Meet* e *Zoom*. E como fizeram para gravar, editar e reproduzir esses vídeos nas aulas online, síncrona e assíncrona. Pois sabemos que o audiovisual é um recurso indispensável para as aulas dinâmicas e motivadoras, podendo ser usados para desenvolver o conteúdo, usando diferentes gêneros e linguagens. Como foram as formações para usar esses recursos?

Vendo isso, e me colocando no lugar dessas mulheres, ainda me questiono: Como conseguiram ministrar essas aulas diretamente de suas casas? Pensando nelas como também mães e mulheres, não apenas como professoras. Tentaremos com a pesquisa, mostrar todo esse processo vivido pelas professoras no momento atípico para educação e o mundo. É preciso mostrar as lutas e batalhas sofridas e vencidas pelas heroínas da Educação. A fim de valorizar, divulgar e apresentar para todos, os esforços feitos por elas para manter a conexão e o laço com seus alunos.

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de investigar como professoras que trabalharam nos anos iniciais da Educação Básica do Município de Uberaba, durante o chamado Ensino Remoto Emergencial, fizeram o uso do vídeo em suas aulas não presenciais, quais foram seus erros e acertos no desenvolvimento das aulas, assim como, registrar seus anseios para realizar as atividades típicas e atípicas do cargo.

Recurso elementar na educação a distância, o vídeo educativo não costumava ser usado corriqueiramente na rotina de professoras como as que participaram desta pesquisa. Assim como a grande maioria dos professores da educação básica do país, elas foram obrigadas a incorporar um recurso da educação online em um cenário que não era o de educação online. Essa distinção precisa ser feita, para compreendermos a extensão do esforço docente no período.

Como se sabe, educação a distância (ou educação online, como se costuma chamar essa modalidade quando a mídia usada é a internet) refere-se a um modelo de ensino que foi, desde o início, planejado e desenvolvido para ser ministrado de forma não presencial. A educação online requer a criação de materiais de aprendizagem específicos para o ambiente online, combinando atividades síncronas e assíncronas conforme os objetivos de aprendizagem.

Já o Ensino Remoto Emergencial acabou sendo uma abordagem improvisada de educação a distância, adotada durante a crise da Covid-19, como uma resposta temporária e não planejada, para garantir que os alunos continuassem a aprender, ainda que impedidos de irem à escola.

No cenário do ERE, o sistema educacional e seus agentes passaram por inúmeras mudanças devido ao momento atípico que o mundo viveu. Angústias e incertezas pairaram nas mentes e no destino profissional e pessoal dos profissionais da educação brasileira, na vida dos professores e alunos de diferentes níveis escolares.

Sendo a profissão de docente da educação uma atividade predominantemente feminina¹, deve-se considerar o desafio adicional de conciliar trabalho e vida pessoal.

¹ De acordo com os dados do Estudo Exploratório Sobre o Professor Brasileiro (2009) do INEP, 98% dos docentes que atuam nas creches, 96% na pré-escola e 91% nos anos iniciais do ensino fundamental são mulheres. O estudo de 2009 foi o único encontrado até a conclusão deste texto, num cenário de “apagão de dados”, como ficou conhecido o período da gestão de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Para elas, as professoras, além de pensar em sua formação rápida para atuar no ERE, ainda tiveram que se preocupar com as tarefas da casa, acompanhar os filhos nas atividades escolares e acompanhar, de forma sistemática e individualizada, as habilidades e competências pedagógicas de mais ou menos trinta alunos por turma. Tendo o cuidado de “não deixar nenhum para trás”. Esse foi um dos desafios enfrentados por mulheres, professoras, que tiveram que lidar com mudanças repentinas na metodologia e na burocracia de seu sistema de ensino.

Por se tratar de estratégias e métodos envolvendo principalmente a internet, há a necessidade de demonstrar as soluções que essas professoras encontraram para não perder o vínculo com seus alunos. Como aconteceu essa conexão pela rede? Qual recurso, método e estratégias foram mais usados para atender as demandas e necessidades dessas professoras? Como elas se apropriaram da linguagem audiovisual, o recurso fundamental da para o ensino não presencial?

De acordo com Moran (2005), o audiovisual é uma ferramenta capaz de atender as expectativas, melhorando a compreensão e motivação dos indivíduos. A questão é: como foi a formação dessas professoras para usar as tecnologias da informação e comunicação, em especial o audiovisual? De que forma elas se prepararam para atender as expectativas?

São essas e outras questões que a pesquisa apresenta, com o compromisso de trazer à tona a perspectiva das professoras que estiveram na linha de frente e que não foram ouvidas como deveriam, nem receberam o suporte que lhes era devido.

Para tanto, cinco professoras da Rede Municipal de Ensino de Uberaba de diferentes instituições escolares foram convidadas a compartilhar suas experiências através de um questionário com vinte perguntas. Os relatos se somaram às análises de documentos como leis, portarias e decretos que regeram o Ensino Emergencial Remoto no país, no Estado e no Município, além disso, foi feita uma revisão bibliográfica sobre o potencial e os modos de uso do vídeo no ensino.

As sessões a seguir apresentam pontos fundamentais da implementação do ERE, depois desenvolvem aspectos pertinentes da atividade pedagógica feminina, discorrem sobre o vídeo como recurso educativo tanto na produção profissional quanto na amadora. Uma sessão é dedicada à apresentação do desenho metodológico, e que antecede a apresentação e análise dos dados coletados. A última sessão traz as considerações finais.

3. ENSINO EMERGENCIAL REMOTO: O PROCESSO

Após confirmação do primeiro caso de Covid-19 na China, em dezembro de 2019, o mundo inteiro ficou apreensivo sem saber como solucionar e conter esse vírus. Era tudo novo, pois o mundo não tinha passado por tamanho problema de saúde. Foi uma das pandemias mais mortais da história moderna, com cerca de 14 milhões de mortos, segundo a Organização Mundial de Saúde. A título de comparação, a Gripe Asiática, de 1958, causada pelo vírus influenza A H2N2 matou cerca de dois milhões de pessoas, numa época em que não havia recursos tecnológicos como os atuais.

A demora nas decisões por parte dos governantes brasileiros fez com que o vírus chegasse e se espalhasse rapidamente por todas as regiões brasileiras. Segundo estudos feitos pela Fiocruz, o novo corona vírus chegou ao Brasil na segunda semana de fevereiro de 2020, por um viajante que tinha vindo da Itália e desceu em São Paulo, mas só teve confirmação oficial pelo Ministério da Saúde no dia 13 de março.

Aos seis dias de fevereiro de 2020 foi estabelecida a lei 13.979, a respeito das medidas que deveriam ser adotadas para enfrentamento da atual emergência de saúde pública de nível internacional, por causa do coronavírus responsável pelo surto de 2019, a fim de proteger a coletividade e parar a disseminação. Ainda demorou um pouco para que as autoridades competentes legislassem sobre o funcionamento dos estabelecimentos de ensino no período pandêmico e, por isso, em fevereiro de 2020, os profissionais da educação brasileira iniciaram o ano letivo escolar, preocupados com o impacto das contaminações.

A cada novo caso que surgia, a comunidade escolar ficava cada vez mais apreensiva, tendo em vista que o processo de ensino e aprendizagem requer a interação e envolvimento de todos os sujeitos, conforme explica Wallon:

O processo ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao seu cuidador, que segura, carrega, embala. Através dessa fusão, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas, pouco claras, vai se familiarizando e apreendendo esse mundo, portanto, iniciando um processo de diferenciação. (MAHONEY & ALMEIDA, 2005 p.22).

Mas a realidade era outra, diferente de tudo que já se tinha vivido no meio educacional brasileiro. Só que, diferentemente de outros setores públicos e privados, os estabelecimentos de ensino não tinham sido citados especificamente na lei 13.979, que determinava o uso de equipamentos de proteção individuais e isolamento social.

Um mês depois do surgimento do primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi que Estados e municípios decidiram aderir ao isolamento social em todas as instituições e níveis de ensino, seguindo orientações do Ministério da Saúde por meio da Portaria nº 188, publicada em fevereiro de 2020, onde se declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional por motivo da infecção humana pelo corona vírus.

Em 18 de março de 2020, de dentro da escola, sem máscara, álcool ou luvas, alunos e professores ficaram sabendo que entrariam em isolamento social e, por isso, tiveram que ir embora mais cedo, sem informação de retorno e continuidade das aulas.

No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia da Covid-19. Em seguida, essa portaria foi ajustada, obtendo acréscimos das Portarias 345 e 356 de 2020.

No dia 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) prestou esclarecimentos aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à reprodução da Covid-19.

Por causa do novo cenário na educação brasileira, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação remeteram resoluções e/ou pareceres norteadores para as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais.

Em 20 de março de 2020, o Congresso Nacional aprovou o Decreto Legislativo nº 6 que reconhece, para os fins do artigo 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do Estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020.

Em meio a muitas publicações de Leis, Decretos e Portarias Federais, o Estado de Minas Gerais, decretou oficialmente o fechamento das escolas em 18 de março de 2020, mediante deliberação do Comitê Extraordinário Covid-19 (MINAS GERAIS, 2020a), fazendo com que mais de 1,91 milhões de alunos da Rede Pública Estadual ficassem sem aulas. (INEP, 2020).

Com dez casos de Covid-19, sendo pesquisado pela Secretaria Municipal de Saúde do Município de Uberaba, segundo notícias informadas pelo Jornal de Uberaba do dia 18 de março de 2020, o Município suspendera as aulas, primeiramente, por três dias. No dia 21 de março, foram suspensas por tempo indeterminado.

No dia 23 do mesmo mês, o Estado e o Município anteciparam o recesso escolar que aconteceria em julho, com duração de 15 dias, estipulando que as Instituições de Ensino reformulassem seus calendários escolares, facultando as aulas não presenciais.

Art. 2º Ficam suspensas, por tempo indeterminado, as atividades presenciais de educação escolar básica em todas as unidades da rede pública estadual de ensino.

§ 1º Durante o período de suspensão das atividades de educação escolar básica, e para fins de futura reposição, considera-se antecipado o uso de quinze dias do recesso do Calendário Escolar de 2020, a contar de 23 de março de 2020.

Art. 3º Ficam suspensas, por tempo indeterminado, as atividades de educação superior em todas as unidades autárquicas e fundacionais que integram a Administração Pública Estadual. (MINAS GERAIS, 2020)

No dia 26 de março, a prefeitura de Uberaba, através do decreto nº 5.402, paralisou as aulas por tempo indeterminado nas escolas e Centros Municipais de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ensino, deixando aproximadamente 36 mil alunos confusos, sem saber o que aconteceria com seu ano letivo.

No mesmo decreto, foi determinado que a Secretaria de Educação, junto aos diretores dos estabelecimentos, professores, pais e comunidade escolar, elaborasse um Plano de Suporte Social à Comunidade (UBERABA, 2020).

Em abril de 2020, no ²decreto Municipal nº 5.445^a prefeitura de Uberaba suspendeu o pagamento das aulas excedentes para Professores de Educação Básica I (PEB I) e Professores de Educação Básica II - PEB II.

² DECRETO Nº 5.445, DE 08 DE ABRIL DE 2020- Estabelece medidas administrativas de racionalização, controle orçamentário e contenção de despesas, no âmbito do Município de Uberaba, Estado de Minas Gerais, decorrentes do Coronavírus - Covid-19 e dá outras providências.

Para entender melhor esse decreto faremos aqui uma breve descrição da carga horária do professor de Educação Básica do Município de Uberaba. Lembrando que a análise será limitada a carga horária apenas do professor de Educação Básica (PEB I e PEB II), não estendendo aos outros profissionais e agentes da educação.

O Plano de Carreira dos Profissionais do Magistério do Município de Uberaba, no artigo 26 da Lei Complementar número 501, de 9 de setembro de 2015, regulamentada pelo Decreto nº 5581/2020) rege que:

A jornada mensal do Professor de Educação Básica, no efetivo exercício do cargo, na Rede Municipal de Ensino, é de, no mínimo, 121,5 (cento e vinte e uma e meia) horas-aulas, divididas por 4,5 (quatro e meia) semanas que é igual a 27 (vinte e sete) horas-aulas semanais e de, no máximo, 234 (duzentas e trinta e quatro) horas-aulas, divididas por 4,5 (quatro e meia) semanas que é igual a 52 (cinquenta e duas) horas-aulas semanais. (Redação dada pela Lei Complementar nº 608 de 2020.

Em outras palavras, a professora de Educação Básica, que antes da pandemia tinha aulas a mais que a exigência mínima para exercer o cargo, perdeu essas aulas durante o ensino emergencial remoto, impactando financeiramente na vida de aproximadamente 1.200 professores, conforme o portal de informações oficiais da prefeitura de Uberaba, ¹ publicado no dia 23 de março de 2021, data que foi autorizado o retorno do pagamento dessas aulas.

Em protesto a esse decreto, nas redes sociais oficiais, publicadas no dia 21 de dezembro de 2020, o Sindicato dos Educadores Municipais de Uberaba (SINDEMU) declarou que essa decisão “ocasionou cortes salariais continuados dos professores, que culminou na redução de até 50% dos rendimentos dos profissionais.” Além de reduzir o rendimento financeiro dos professores, foi reduzida a quantidade de profissionais trabalhando. Conforme vamos ver nas falas das entrevistadas.

O não pagamento das aulas excedentes trouxe também uma defasagem no quadro do magistério dentro das escolas, o que sobrecarregou o trabalho de algumas segundo as falas das entrevistadas.

Outra perda significativa que a classe do magistério sofreu nesse período devastador para a humanidade, veio através da Lei Complementar nº 173 de 27 de maio de 2020,³ quando proibiu a União, Estados e Municípios a contagem de tempo de serviço para fins de progressão na carreira que possa levar o servidor a adquirir

² LEI COMPLEMENTAR Nº 173, DE 27 DE MAIO DE 2020 estabelece o Programa Federativo de Enfrentamento ao Coronavírus (Covid-19), altera a Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, e dá outras providências.

aumento salarial. Em seu artigo 8º, nos incisos I, III e IX, a lei estabelece que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios afetados pela calamidade pública decorrente da pandemia da Covid-19 ficam proibidos, até 31 de dezembro de 2021, de:

- I – Conceder, a qualquer título, vantagem, aumento, reajuste ou adequação de remuneração a membros de Poder ou de órgão, servidores e empregados públicos e militares, exceto quando derivado de sentença judicial transitada em julgado ou de determinação legal anterior à calamidade pública;
- III – alterar estrutura de carreira que implique aumento de despesa;
- IX – Contar esse tempo como de período aquisitivo necessário exclusivamente para a concessão de anuênios, triênios, quinquênios, licenças-prêmio e demais mecanismos equivalentes que aumentem a despesa com pessoal em decorrência da aquisição de determinado tempo de serviço, sem qualquer prejuízo para o tempo de efetivo exercício, aposentadoria, e quaisquer outros fins.

Conforme foi visto nas leis citadas, o professor além de ter perdido financeiramente, ele ficou impedido de progredir em sua carreira profissional. O que pode ter causado mais ansiedade e angústia nesse momento tão incerto.

Em casa, sem saber o que aconteceria nos próximos meses, aproximadamente 36 mil alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino de Uberaba, juntos a seus responsáveis legais, esperavam por novos decretos que os informassem a respeito do que seria feito para que eles não perdessem o ano letivo escolar. E pouco mais de dois mil docentes do ensino fundamental (IBGE, 2020) das escolas municipais aguardavam orientações referentes a suas novas e incertas atividades laborais, até a publicação de um memorando informando sobre trabalho em *Home Office*, ou “tele trabalho”.

O Regime de tele trabalho, como foi chamado à nova forma de desenvolvimento das atividades laborais dos profissionais da Educação, teve início ainda no mês de março com a divulgação de Memorando-Circular nº 25/2020/SEE/SG do dia 26 de março de 2020, definindo e comunicando quais profissionais entrariam, naquele momento atual, em regime de tele trabalho e ainda esclarecendo que o servidor, durante o regime de *home Office* tem a responsabilidade de:

- Cumprir diretamente as atividades previstas no Plano de Trabalho Individual, sendo vedada a sua realização por terceiros, servidores ou não;
- Consultar regularmente a caixa de correio eletrônico institucional, conforme periodicidade pactuada com a chefia imediata;
- Atender, durante a jornada de trabalho, às solicitações da chefia imediata para prestar esclarecimentos sobre as atividades desempenhadas e o cumprimento das demandas estabelecidas;

- Elaborar Relatório de Atividades no prazo estabelecido pela chefia imediata, no qual serão especificadas as entregas realizadas. (MINAS GERAIS, 2020)

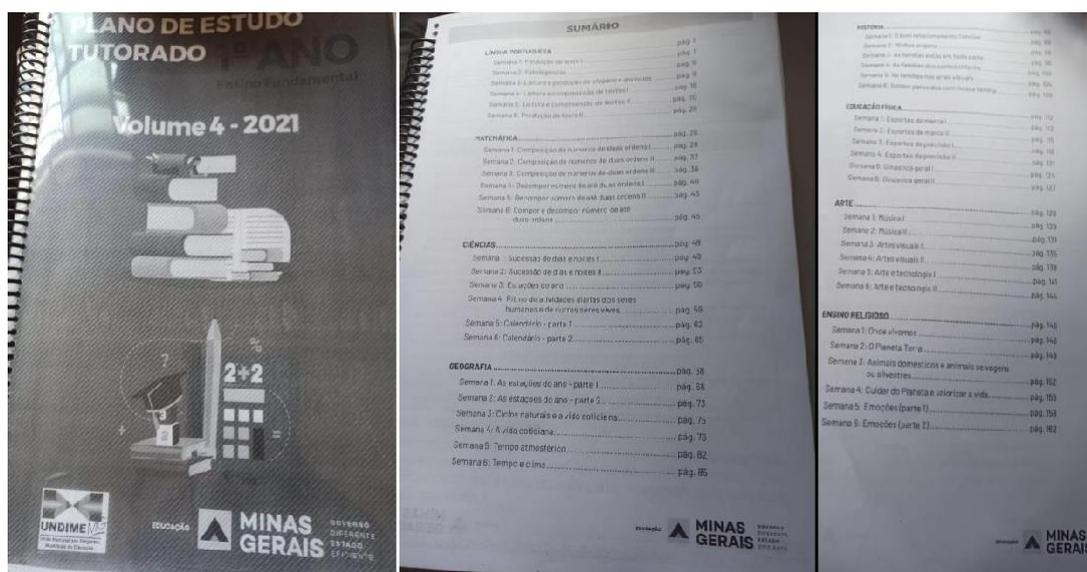
A partir daí, novos questionamentos surgiram, como por exemplo: O que seria esse novo modelo de trabalho? O que escrever nesse novo regime? Como adequá-lo ao processo de ensino e aprendizagem? E como garantir a qualidade e a equidade do processo de ensino e aprendizagem, num momento incerto e assustador? Perguntas talvez fáceis para quem trabalhe em um escritório (sozinho) e tenha apenas os papéis e gráficos como ferramenta de trabalho. Entretanto, para professores que têm como objeto e objetivo o aprendizado de um ser humano, crianças, adolescentes ou adultos, cada um com realidades e necessidades diferentes, essas perguntas são complexas e, algumas vezes, sem respostas.

Pensando nessa questão, a Rede Estadual teve, em 18 de abril de 2020, a publicação da Resolução SEE Nº 4310/2020 (MINAS GERAIS, 2020b) regulamentando, na Rede Pública Estadual, o REANP, que, segundo a legislação pertinente, teve como objetivo “garantir o alcance dos objetivos educacionais de ensino aprendizagem” (MINAS GERAIS, 2020b, p. 50) e, principalmente, “assegurar o cumprimento da carga horária mínima exigida” (MINAS GERAIS, 2020b, p. 50).

No Plano de Regime Especial de Atividade Não Presencial – REANP encontram-se estratégias pedagógicas que utilizam as mídias digitais e impressas criadas e disponibilizadas pela Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais para enviar aos professores e alunos da Educação Básica da Rede Estadual na intenção de garantir o vínculo entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Nas estratégias estão: Planos de Estudos Tutorados (PET), o Se Liga na Educação e Conexão Escola.

O Plano de Estudos Tutorado (PET) foi produzido na forma de apostilas, com conteúdo direcionado a cada ano ou série. Nas redes sociais oficiais das escolas estaduais foi informado que essas apostilas poderiam ser impressas pela escola ou pela família do aluno, caso o responsável não quisesse ou pudesse ir retirá-las na escola. O PET foi dividido em quatro volumes, sendo um para cada bimestre. Cada componente curricular tinha seus conteúdos subdivididos em semanas, conforme mostram as figuras a seguir, de um PET do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, volume quatro.

Figura 1 – Exemplo de material do Programa de Estudos Tutorado



Fonte: da pesquisadora

Esperava-se que, ao final de cada semana, o aluno enviasse as fotos das atividades feitas no aplicativo “Conexão Escola 2.0⁴” para a professora registrar e comprovar a frequência dela e do aluno.

Tanto o PET quanto o “Conexão Escola” faziam parte do programa “Estude em Casa”, que depois passou a ser chamado de “Se liga na educação⁵.”

Todos esses recursos ficaram disponíveis em um canal digital alimentado pela Secretaria Estadual de Educação, que também veiculava conteúdos pela Rede Minas e pelo Youtube. Professores de diferentes disciplinas curriculares gravavam videoaulas e interagiam com professores da rede por meio de um chat.

O aplicativo “Conexão Escola” também permitia que os estudantes postassem fotografias das atividades respondidas semanalmente, que depois eram consideradas pelos professores para lançar frequências e fazer a avaliação.

Aparentemente, havia uma ampla gama de recursos tecnológicos adaptados para o processo de ensino e aprendizagem remoto e emergencial, de acordo com os objetivos do governo do Estado. Mas é importante questionar até que ponto essas

⁴ A “Conexão Escola” foi um aplicativo disponibilizado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais que complementava o programa “Estude em Casa”. Podia ser instalado no smartphone e dava acesso às videoaulas veiculadas na Rede Minas de televisão e aos Planos de Estudos Tutorados (PET), em versão PDF. Também servia como canal de comunicação entre professores e estudantes.

⁵ Disponível no endereço eletrônico <https://seliga.educacao.mg.gov.br/inicio>. Acesso em 22 de novembro de 2022.

alternativas foram viáveis e acessíveis para todos os alunos matriculados na Rede Estadual de Ensino.

O documento orientador para o Regime Especial de Atividade Não Presencial (REANP) foi distribuído nos sites Oficiais do Governo do Estado. No documento consta o Manual de Conduta nas redes sociais, a Gestão Escolar (onde se explica como as escolas registrarão as distribuições dos Planos de Estudos Tutorados) e há informações a respeito do acesso ao Programa “Se liga na Educação” e ao aplicativo “Conexão Escola”.

Já o Sistema Municipal de Educação, como estratégias para interação entre professor e aluno durante a pandemia, respeitando o isolamento social do Ministério da Saúde, a Rede Municipal, por meio do Portal de Voz nº 1817, em 8 de maio de 2020, emitiu a Portaria Nº 023/2020, regulamentando as atividades pedagógicas e educativas não presenciais durante o Regime Especial de Teletrabalho dos profissionais do magistérios nas unidades de ensino.

Segundo a portaria, o conjunto de atividades seria feito pelas unidades de ensino sob orientação da Secretaria Municipal de Educação e divulgadas em uma plataforma digital criada pelo próprio sistema de ensino, tendo como objetivo “minimizar danos gerados nos processos de ensino e aprendizagem no período de distanciamento social”(UBERABA, 2020,p.33). O mesmo documento também trazia as seguintes orientações:

- A SEMED expedirá orientações complementares para o uso de outros recursos tecnológicos para desenvolvimento das atividades pedagógicas não presenciais, destinadas aos alunos das Unidades de Ensino, tais como:
- I- Utilização de horários de TV aberta para levar programas educativos compatíveis com a idade do educando;
 - II- - Disponibilização de vídeos educativos por meio de plataformas on-line, com atividades pedagógicas;
 - III- - Realização de atividades on-line assíncronas regulares e on-line síncronas, de acordo com a disponibilidade tecnológica da comunidade escolar, contemplando os conteúdos do Currículo Referência de Minas Gerais e Matrizes Curriculares da Rede Municipal;
 - IV- - Oferta de atividades orientação de estudos, sob a coordenação da equipe gestora da Unidade de Ensino, por meio da utilização das mídias sociais de longo alcance (Whatsapp, Facebook, Instagram etc.), desde que observadas às idades mínimas dos alunos para o uso de cada uma dessas redes sociais. (UBERABA, 2020.p 33).

Porém o que não ficou claro, em nenhum documento, foi o como, onde e quando as professoras buscariam os métodos e recursos para desenvolver seu trabalho diário, utilizando o novo modelo de ensino. Uma vez que se trata de algo

atípico que afetou a rotina de toda educação brasileira, algum tipo de preparo era esperado pelos profissionais.

Mesmo com tantas incertezas, logo após divulgação da Portaria Nº 023/2020, os 73 estabelecimentos de ensino que compõem a Rede Municipal de Ensino de Uberaba, sendo 39 que oferecem os anos iniciais do Ensino Fundamental, começaram a criação de grupos de WhatsApp para cada ano/série e turma de ensino, tendo como administradores o professor regente da turma. Gradativamente, algumas escolas passaram a usar o Google sala de aula e o Google Meet⁶.

De acordo com os documentos publicados, todas as atividades propostas pelos docentes eram registradas em um documento chamado “Sequência Didática” que, após a verificação da coordenação da escola, era enviada para a SEMED, que publicava o conteúdo no site oficial⁷. O corpo docente também foi solicitado a criar questões sobre temas diversos, para criar um banco de exercícios.

Com a criação desse banco de questões, foi feita uma sequência única para cada ano/série, de todas as unidades de ensino. Em outras palavras, todos os alunos que estudassem, por exemplo, no 3º ano na Rede Municipal seguiriam a mesma sequência.

No dia a dia, os professores precisavam atender os grupos de *WhatsApp*, postar atividades no Google sala de aula, ministrar aulas síncronas pelo *Google Meet*, elaborar sequência didáticas e produzir perguntas para o banco de questões. Além dessas atividades, ainda foi solicitado aos docentes que, semanalmente, fizessem um “Roteiro de Estudos” e um “Plano de Trabalho” para complementação da carga horária, conforme orientação do Sistema de Ensino. Neste roteiro deveria conter atividades planejadas para uma semana e que abrangessem todos os componentes curriculares que o/a docente ministrasse, seguindo um modelo pré-estabelecido.

Em 2021, as metodologias de ensino seguiram nas mesmas direções daquelas de 2020, com alguns ajustes:

O conteúdo das aulas remotas está sendo ofertado por meio de vídeo aulas gravadas, interação em grupos virtuais, links do YouTube e do canal Educa On, aplicativos de jogos, sites educacionais, entre outros recursos tecnológicos e pedagógicos.” (Uberaba, 2021)

⁶Durante o período pandêmico, as empresas Google e Microsoft liberaram o uso gratuitamente das suas ferramentas para trabalho colaborativo como o MS Teams, o Google Sala de Aula, o Hangouts e o Meet.

⁷ Disponível em <<https://sites.google.com/edu.uberabadigital.com.br/semmed-oline>>. Acesso em 22 de novembro de 2022.

Em 2021, também começou o programa “Busca Ativa”. Tal programa tinha a seguinte proposta: o aluno que não dava devolutiva para os professores nos atendimentos remotos, deveria ser identificado e localizado em seu endereço para que fosse entregue para ele, as atividades impressas.

Essa seria mais uma atividade que o professor deveria adequar em seu planejamento, pois coube aos professores a tarefa de levar e/ou buscar as atividades impressas na casa de cada estudante, para poder validar a presença e fechar as notas bimestrais.

A comprovação e efetivação da presença dos professores eram feitas mensalmente, quando descreviam suas atividades diárias em uma planilha que era enviada para a gestão da escola para que a instituição registrasse e arquivasse os comprovantes, atendendo orientação da Secretaria Municipal de Educação (Porta Voz nº 1812 - Uberaba, 17 de Abril de 2020, p.33): “As instituições de ensino deverão registrar, de forma pormenorizada, a descrição das atividades não presenciais abordando a metodologia utilizada, e arquivar as comprovações que demonstrem as atividades escolares realizadas fora da escola.”

4. UMA ATIVIDADE FEMININA, AGORA DIGITAL

Até aqui, tratamos do cenário docente sem fazer distinção de gênero, mas é importante incluir o aspecto marcante do magistério, sobretudo no Ensino Fundamental, como uma profissão predominantemente feminina. Uma vez que o presente trabalho pretende compreender o que deu certo e o que deu errado na oferta de ensino com o uso do vídeo, levando em consideração as reais condições que os profissionais tinham para trabalhar durante aquele período incerto e assustador para história.

Se a maioria dos docentes são mulheres, não se pode desconsiderar a condição feminina: com duplas e até triplas jornadas, tendo alunos para ser atendidos remotamente, com os filhos estudando da mesma forma, a falta de apoio institucional e a necessidade de resolver todos os problemas desde o ambiente doméstico.

Conforme pesquisa divulgada pelo Ministério da Educação, em 2010⁸, em todos os níveis de ensino, as mulheres compunham 81,5% do total de professores da educação básica do país. E, segundo os dados divulgados no site do MEC, existem quase dois milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhões são do sexo feminino. Isso significa que a cada cem professores apenas dois são do sexo masculino.

Em Uberaba os dados não são diferentes, a maior parte dos educadores do Município é mulher, é estimável que a cada duzentos professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental de Uberaba, dois se identificam como sexo masculino, os demais são femininos.

Pensando nisso, vamos entender as ferramentas e metodologias de ensino sugeridas pela Secretaria Municipal de Educação de Uberaba para essas professoras no ensino emergencial remoto, analisando a rotina, durante a pandemia, de uma mulher, filha, mãe, esposa que também é professora da Rede Municipal nos anos iniciais do ensino fundamental. Esses aspectos todos serão considerados nas entrevistas.

De 2020 a 2021 a rotina profissional de uma professora de Ensino Fundamental dos anos iniciais do Município de Uberaba foi aqueles descritos parágrafos antes. Observa-se que para que as coisas funcionassem minimamente, foi preciso

⁸ No momento da escrita deste texto, os únicos dados disponíveis do Censo do Professor no Inep eram os de 2010. Como se sabe, houve um “apagão de dados” do MEC durante os anos do governo de Jair Bolsonaro (2018-2022).

readaptar as formas de ensino, a fim de não perder o vínculo com os alunos. Esse talvez tenha sido o principal objetivo dos professores durante o ensino remoto. Mas para que esse vínculo de fato fosse criado, foi necessário desenvolver um trabalho mais adequado a cada realidade local, que instrução normativa nenhuma seria capaz de abordar.

Entre as alternativas encontradas pelas professoras estava a gravação de vídeos para seus alunos ou a escolha de vídeos disponíveis na internet que atendessem os objetivos das sequências didáticas e roteiros de estudos que elas estavam criando.

Que conhecimento prévio e familiaridade essas professoras tinham sobre as possibilidades de uso do vídeo na educação formal é a questão levantada por esta pesquisa. Neste contexto, Silva, Pires e Souza-Pires (2020, p.16) frisam que:

A pandemia da Covid-19 tem deixado evidente que a formação do professor deve ser continuada e contextualizada às contingências e demandas atuais. Como forma de possibilitar a prática docente, a função escolar na era atual, a utilização das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC). [...] têm sido utilizadas como os principais recursos para possibilitar a aprendizagem do educando. Desta forma, a Escola teve que se adaptar rapidamente a este novo contexto e estas mesmas ferramentas e estratégias tem sido aplicado para a formação continuada.

Sob essa perspectiva, é importante esclarecer que a formação continuada do professor no Município de Uberaba, está inserida nas atividades extraclasse e ele recebe financeiramente por elas. E na Pandemia ocorreu da seguinte forma de acordo com a PORTARIA Nº 0024/2020:

Art. 3º A carga horária de formação continuada na Unidade de Ensino é de 30 (trinta) horas anuais, correspondente a 3 (três) horas mensais.
Parágrafo único. A partir da implementação do Regime Especial de Teletrabalho dos profissionais do magistério, compete ao gestor da Unidade de Ensino a reorganização da carga horária das atividades de formação continuada referente ao período de suspensão das aulas, em decorrência da pandemia da Covid-19. (UBERABA, 2020, p.33)

Coube ao gestor da instituição buscar meios para sanar eventuais dúvidas que o professor tivesse durante a realização das atividades remotas. No artigo 5º da mesma portaria consta que:

Art. 5º A formação continuada dos profissionais da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino fundamenta-se nos conceitos de formação crítica reflexiva, de estudo e pesquisa, com os objetivos de:
I- Assumir o fazer pedagógico como objeto de pesquisa, a fim de possibilitar a investigação permanente do trabalho docente e do processo ensino e aprendizagem, em condições de produzir conhecimentos teórico-metodológicos que sejam frutos dos saberes experienciais e saberes profissional;

- II- Possibilitar a construção de um trabalho coletivo, participativo, democrático e autônomo, para superar os problemas e os desafios do cotidiano escolar, desvelando a realidade;
- III- Enriquecer a prática pedagógica;
- IV- Promover a qualidade social da educação. (UBERABA, 2020, p.33)

As portarias sugerem que os diretores e diretoras das unidades deveriam ter um papel de protagonistas na formação dos professores e professoras para a oferta do ensino remoto emergencial não presencial. Em conformidade com a mesma portaria (UBERABA, 2020, p.33), no artigo 6º, cabe ao gestor “articular com o Núcleo de Formação Continuada da Casa do Educador a proposta de ações formativas a serem desenvolvidas na Unidade de Ensino” e “registrar, por meio de relato de experiência, vídeos, fotos (com legendas), artigos, memórias, atas, entre outros gêneros textuais, as atividades formativas pedagógicas realizadas na unidade de ensino”. (UBERABA, 2020, p.33).

Os documentos deixam no ar outras questões adicionais: quem deve custear a compra de recursos tecnológicos para a oferta de ensino? Quem auxilia os docentes no desenvolvimento das metodologias e dos recursos necessários que garantam a qualidade do ensino, a permanência e a equidade no contato entre professor e aluno?

5. O VÍDEO NA EDUCAÇÃO

A tecnologia não é nova e muitos dos seus potenciais e problemas já são conhecidos de longa data (COMISSÃO CARNEGIE, 1967, BUSCOMBE, 1980, ECO, 1993, FERRÉS, 1996, CARNEIRO, 1999, BACDEGA, 2003, SIQUEIRA, 2005). Mas pode-se dizer que a pandemia de Covid-19 e a oferta do ensino online renovaram as questões envolvendo o vídeo na educação. Questões como critérios de qualidade, gêneros e formatos mais apropriados para cada situação, abordagens pedagógicas e formação de professores voltaram à baila entre 2020 e 2021, com um diferencial: do *Youtube* ao *Tik Tok*, a linguagem do vídeo adentrou nossa vida, do ponto de vista de espectadores, mas também de produtores. Contudo, como esse fenômeno foi apropriado na educação em tempos pandêmicos?

Uma discussão teórica sobre o vídeo na educação pode partir da noção de gêneros e formatos, para que se coloque alguma ordem nas possibilidades de uso em experiências de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, pode-se dizer que cada gênero tem características e especificidades para atender demandas de uma situação comunicativa em particular, limitando a um modo de comunicação dentro de um contexto e com objetivos específicos. Em outras palavras, a escolha de um gênero para comunicar, depende da finalidade que se quer alcançar com a mensagem e a linguagem usada.

Compreendendo a dinâmica do uso dos gêneros, verifica-se que ao passo que a tecnologia avança, os gêneros vão modificando e se adaptando às novas realidades e as necessidades que surgem por parte da população. Machado, (2000, p. 4) diz que “quanto mais avançamos na direção do futuro, mais o hibridismo se mostra como a própria condição estrutural dos produtos culturais”. Nessa perspectiva, pode-se trazer como exemplo o gênero carta pessoal que aos poucos foi ficando em desuso, dando lugar aos e-mails, depois às mensagens de texto até alcançarmos a forma multimídia do *WhatsApp* para enviar uma mensagem a alguém. Apesar da revolução na tecnologia e dos processos de hibridismo, a ideia de gênero parece ser estável, conforme Machado:

O gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, certo modo de organizar as idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se

manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores. Mas não se deve extrair daí a conclusão de que um gênero é necessariamente conservador. (Machado, 2000, p.68)

Machado (2000, p. 69) ainda diz que “o gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero.” Muitos gêneros surgiram com as rápidas transformações da tecnologia digital.

Nesse contexto, vale lembrar que foi no século XX que surgiu uma das invenções de maior impacto na sociedade contemporânea, a televisão. Para Machado (2000, p.74), “a televisão abrange um conjunto amplo de eventos audiovisuais que têm em comum apenas o fato de a imagem e o som serem constituídos eletronicamente e transmitidos de um local (emissor) a outro (receptor) também por via eletrônica.”

O aparecimento da televisão fez com que a imagem e o som passassem a ser companhia diária das pessoas, tanto com as suas produções ditas ficção, como séries, novelas, filmes, a maioria voltada para o entretenimento, mas também as produções que apresentam a realidade da sociedade, como o telejornalismo, por exemplo, (MACHADO, 2000, p. 81):

[...] cada programa, cada capítulo de programa, cada bloco de um capítulo de programa, cada entrada de reportagem ao vivo, cada vinheta, cada *spot* publicitário, constituem aquilo que os semi-otimistas chamam de enunciado. Os enunciados televisuais são apresentados aos espectadores numa variabilidade praticamente infinita. Poder-se-ia dizer que cada enunciado concreto é uma singularidade que se apresenta de forma única, mas foi produzido dentro de uma esfera de intencionalidade, sob a égide de certa economia, com vistas a abarcar certo campo de acontecimentos, atingirem em certo segmento de telespectadores e assim por diante.

São inúmeros os gêneros usados no meio educacional para levar o conhecimento até os estudantes, facilitando e sanando as dificuldades encontradas. Não é possível, um professor, enquanto mediador do conhecimento, não usar a diversidade de gêneros existentes como suporte pedagógico. E quanto mais for explorado o gênero, mais adaptações a ele são incorporadas. No final, o que temos é uma diversidade de representações que podem ser incorporadas com recurso educacional, não sem problemas. Conforme Mourão (2002, p.37):

As novas formas de representação correspondem a uma nova relação do ser humano com a realidade. O pensamento contemporâneo está moldado por uma complexidade que o diferencia radicalmente da estrutura de pensamento linear dominante antes da revolução tecnológica.

Em outras palavras, apesar da grande diversidade de gêneros contidos nos canais de tele mídia, cada um pretende atingir a um público, que tem um determinado gosto de conteúdo e linguagem específica. Da mesma forma que acontece com o teatro, a literatura e o rádio (ou *podcast*, sua versão mais recente). Ou seja, o audiovisual possibilita unir as singularidades de dois ou mais gêneros para transmitir uma informação, mas no intuito de atingir o maior número de telespectadores possível. Isso se explica pela necessidade de adequar os programas com as exigências do público vasto, diversificado e segmentado.

Apesar da comum junção de vários gêneros discursivos na criação de um determinado conteúdo audiovisual, ainda assim, programas de televisão (assim como vídeos do Youtube) mantêm algumas especificidades que o tornam particular, como observa Machado (2000, p.73):

[...] a parte mais expressiva, segue dependendo basicamente de uma maior ou menor eloquência no manejo da palavra oralizada, seja por parte de um apresentador, de um debatedor, de um entrevistado, ou de qualquer outro. [...] a maioria esmagadora dos programas se funda na imagem prototípica de uma *talking head* (cabeça falante) que serve de suporte para a fala de algum protagonista.

Outros recursos que armazenam e contribuem para a valorização dos gêneros usados no audiovisual são as plataformas digitais. Essas plataformas são compreendidas como local para troca de informações, mensagens e fotos. Contudo, nos últimos anos, aumentou o número de pessoas que deixaram de assistir seus filmes, novelas, séries, telejornal e outros gêneros televisuais, em aparelhos de TV tradicionais para assistir nas telas do celular, *tablet* ou notebook. E, cada vez mais, estão assistindo vídeo que é produzido por não profissionais, e que mantém a estética da “cabeça falante” para dar uma notícia, fazer uma análise, expressar um ponto de vista, contar uma piada etc.

No contexto da pandemia, a cabeça-falante foi usada por professores e professoras de diversas partes do mundo para ministrar aulas e se comunicar com seus estudantes. Mas, diferentemente dos primórdios do audiovisual, o hibridismo dos nossos tempos, concretizado nas plataformas digitais (inclusive as do ensino remoto emergencial) permitem que usuários interajam com o emissor e entre si, na forma de “curtidas”, imagens, mensagens de texto e de áudio.

No contexto das redes sociais, os vídeos, podem ser gravados e veiculados em tempo real, dando a possibilidade de o autor também ser o protagonista. O sucesso

desses ambientes virtuais é certo, tendo em vista sua potencialidade de envolver e atrair as pessoas, como destaca Moran (1999, p.3):

A relação com a mídia eletrônica é prazerosa – ninguém obriga – é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa aprendemos vendo as estórias dos outros e as estórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar, a mídia mostra o mundo de outra forma mais fácil, agradável, compacta, sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.

Contudo, para que o recurso audiovisual seja usado no ambiente escolar é preciso ter clareza de seus objetivos e funções, pois nem todos os vídeos inseridos nas redes sociais e plataformas digitais podem ser usados como recurso pedagógico. Para que haja essa inserção, muitos fatores devem ser analisados como, por exemplo, a linguagem usada, o público-alvo e qualidade da gravação e representação proposta para o tema que é abordado. Aqui entra a importância do planejamento de aula que, ao usar o vídeo, requer alguma curadoria, como bem apontou Ferreira, analisando vídeos divertidos sobre o ensino de Física disponível no Youtube. (Santos, 2018): pelo menos oito aspectos devem ser considerados: a qualidade da fonte, a qualidade formal, a qualidade do conteúdo, a coerência didática, a representatividade, o engajamento emotivo, o potencial de controvérsia e a qualidade da fruição.

Na visão de Vasconcellos (2007), uma aula bem planejada leva o aprendiz ao campo da ação, do fazer, não partindo do nada, nela existem definições prévias (teorias, valores, etc.) que precisam ser explicitadas. É nesse momento que o professor deve ter clareza do conteúdo que quer abordar para então buscar meios que o ajudem a explicar, no intuito de facilitar a compreensão do educando a respeito do assunto estudado. É nessa hora que o professor bem informado busca o auxílio do vídeo.

Para o uso educacional é preciso que o educador seja seletivo aos vídeos contidos no universo da internet, pois nem todos ali publicados são de caráter pedagógico, mesmo se tratando de gêneros textuais circulados no meio escolar, o formato de sua gravação pode não ser indicado a esse fim. Para facilitar essa escolha, os recursos anteriormente usados para armazenar vídeos, como CDs e DVDs vinham com uma sinopse resumindo o conteúdo e o público direcionado.

Essas informações ainda podem ser encontradas em algumas plataformas educacionais, mas a vasta maioria dos vídeos disponíveis e produzidos por pessoas que não são necessariamente profissionais e não têm uma intenção explícita de serem

educativos, contam somente com o olhar sistemático do professor ou professora para irem parar numa experiência formal de ensino e aprendizagem. Pensando nisso, novas questões surgem, como por exemplo, quantos professores têm esse olhar? Como fizeram para selecionar material para suas aulas remotas durante a pandemia? Caso tenham produzido os vídeos, como lidaram com questões de gênero, formato, público-alvo, qualidades formais e de conteúdo?

Relembrando Mourão, citado anteriormente, com as redes sociais, em especial o Tik Tok, as formas de representação audiovisual sofreram uma mudança substancial: o vídeo longo foi cedendo ao formato mais curto. Narrativas que não cabem em três minutos precisam ser fragmentadas e compreensíveis tanto isoladas como em uma sequência de diversos vídeos. Trechos são recortados e replicados, sem o contexto original, remixes são feitos sem que se atente para a autoria.

Muitas entrevistas, receitas culinárias, filmes e videoaulas também foram cortados para que as pessoas tivessem paciência de assistir. Parece que mesmo as pessoas estando em casa, isoladas, e “com mais tempo,” a paciência de assistir com atenção os detalhes e as etapas de determinados assuntos abordados em gêneros extensos foi diminuindo a cada dia isolado.

Embora predominante, o gênero “cabeça falante” vem disputando espaço com a emergência de outro gênero, genericamente chamado de “videoclipe”. Nesse gênero, uma sucessão de imagens é organizada com o suporte de uma música. A popularização desse gênero, bem como sua consolidação como uma unidade expressiva típica e autônoma, deve-se ao surgimento da MTV nos anos 80. Nas reflexões de Machado (2005, p.174):

Do ponto de vista prático, o videoclipe é um formato enxuto e concentrado, de curta duração, de custos relativamente modestos se comparados com os de um filme ou de um programa de televisão, e com um amplo potencial de distribuição. De outra parte, graças ao videoclipe, recursos tecnológicos e financeiros consideráveis estão hoje sendo alocados para a produção de trabalhos abertamente experimentais (...). E o que é mais importante: graças ao papel catalisador da música *pop*, a que o videoclipe se encontra estruturalmente associado, esta talvez seja a primeira vez que certas atitudes transgressivas no plano da invenção audiovisual encontram finalmente um público de massa.

Provavelmente, foi o videoclipe musical que pavimentou o caminho para a miríade de formatos sustentados em música e sequência de imagens que temos hoje,

dos tutoriais para como fazer quase tudo às “*dancinhas*” do Tik Tok. Vimos os videoclipes serem recriados, reinventados e reestruturados.

Para essa onda de videoclipes que surgiram no contexto das mídias digitais, Machado (2005, p. 73) diz que existem boas razões para isso:

A última safra de videoclipes está aí para demonstrar que o gênero mais genuinamente televisual cresceu em ambições, explodiu os seus próprios limites e está se impondo rapidamente como uma das formas de expressão artística de maior vitalidade em nosso tempo. Mais do que isso: numa época de empreguismo e de recessão criativa, o videoclipe aparece como um dos raros espaços decididamente abertos a mentalidades inventivas, capaz ainda de dar continuidade ou novas consequências a atitudes experimentais inauguradas com o cinema de vanguarda dos anos 20, o cinema experimental dos anos 50-60 e a vídeo arte dos 60 -70. Se for verdade que o grosso da produção permanece banal e repete ainda modelos comerciais padronizados.

Vale pontuar que, por ser uma filmagem curta e chamativa, o clipe (como costumavam ser chamados os vídeos curtos antes das redes sociais), potencialmente, podem ser uma opção efetiva para professoras integrarem ao plano de aula. O tradicional gênero da receita culinária, por exemplo, pode ser explorado com os divertidos vídeos da confeitadeira Raissa Costa, que apresenta o programa “Rainha da Cocada” no canal pago GNT, e também disponibiliza vídeos no Instagram⁹. A figura 2 a seguir mostra como diluir amido de milho no leite.

Figura 2 – Still do programa “Rainha da Cocada”



Fonte: @rainhadacocadano GNT

⁹ Veja-se um exemplo com a receita de curau de milho em https://www.instagram.com/tv/CQ02D7eLJdb/?utm_source=ig_web_copy_link . Acesso em 23 de novembro de 2022.

Situações como essas mostram que é possível ir além do texto da receita e explorar outros aspectos da linguagem como o humor e a estética visual, integrando a criatividade ao ensino.

5.1 Produção amadora

Com a popularização dos *smartphones* e aplicativos para edição de vídeos, novos gêneros e formatos ganharam forma, boa parte deles inspirados na estética da produção amadora, fomentada pelas redes sociais (CHAGAS, 2019). Chamados genericamente de “gêneros audiovisuais digitais”, eles são, inclusive, listados na BNCC, no eixo Leitura para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2017, p. 71):

Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, blogs/microblog, sites e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, post em rede social, gif, meme, fanfic, vlogs variados, political remix, charge digital, paródias de diferentes tipos, vídeos-minuto, e-zine, fanzine, fanvídeo, vidding, gameplay, walkthrough, detonado, machinima, trailer honesto, playlists comentadas de diferentes tipos etc., de forma a ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital.

A popularização dos vídeos digitais com estética amadora, inclusive, influenciou uma série de mudanças no conteúdo na forma de produção do audiovisual tradicional. O telejornal, por exemplo, que historicamente mantinha um âncora em estúdio e um número pequeno de repórteres nos locais dos fatos hoje inclui material produzido pelo telespectador e coletado de redes sociais.

Especificamente no que tange aos formatos de vídeos para o ambiente online das redes digitais, Segundo Machado (2021, p.58), identificou sete possibilidades em uma revisão de literatura:

- **Vlog** – são os vídeos feitos para blogs que dão mais espaço para esta linguagem do que para o texto escrito.
- **React** – São vídeos que combinam trechos de outros vídeos com a gravação da reação de uma pessoa (ou um animal doméstico), ao assisti-lo.
- **Unboxing** – usados principalmente no marketing de produtos, são vídeos que retratam o ciclo de um produto desde a produção, passando pela embalagem, até chegar na casa do consumidor. Como mostram o produto sendo encaixotado e desencaixotado, ganharam esse nome.

- **Stories ou Reels** – são os típicos vídeos de redes sociais como Instagram ou Tik Tok, com duração entre 15 e 30 segundos e que combinam uma diversidade não listável de conteúdos, dada a sua diversidade.
- **Listas** – são os vídeos do tipo “5 coisas que você precisa saber sobre” e outros similares. A característica desse formato é elencar unidades de informação de modo enxuto e linear.
- **Tutoriais** – são vídeos com duração variável, com ou sem diálogo, mas que sempre mostram como fazer alguma coisa: de consertar um buraco na sola do sapato com materiais que se tem em casa até como fazer um jardim suspenso.
- **Vídeos sociais** – talvez seja a versão das antigas colunas sociais dos jornais para a multidão das redes sociais. São vídeos nos quais as pessoas se mostram: onde estão, o que estão fazendo, o quanto estão se divertindo etc.

Essas adaptações e readaptações dos gêneros audiovisuais os tornam um recurso não conservador e instável, conforme análise de Machado (2000), porém sempre em sintonia com as demandas do público. Essa talvez seja uma característica que justifique a valorização do vídeo nas atividades educativas: o seu potencial de comunicação. Em tempos de ensino remoto, o vídeo poderia contribuir decisivamente para a qualidade da comunicação entre professores e estudantes, a depender a pertinência de gêneros, formatos e abordagens pedagógicas.

Sabe-se que a sala de aula é um ambiente propício à interação social e ao desenvolvimento intelectual do indivíduo. Por isso, cada aula desenvolvida deve ser planejada pensando na realidade de um grupo e na individualidade de cada aluno. Sobre esse assunto, Freire (2004) diz que o planejamento tem significado e validade quando parte de uma ação colaborativa entre quem ensina e quem aprende. Logo, as práticas de ensino devem ser construídas, analisadas e aprovadas em conjunto por professores e alunos.

É fundamental que o aluno seja sujeito do plano de trabalho para que se sinta pertencente ao meio educacional. Sob essa perspectiva, compreende-se o audiovisual como um recurso capaz de proporcionar essa interação entre “aprendente” e “ensinante”, desde que faça sentido para os estudantes. Por se tratar de um meio que requer preparação e planejamento prévio, permitindo uma quantidade ilimitada de participantes, o vídeo fica dependente do objetivo, da imaginação e do grau do conhecimento tecnológico do autor. Assim como afirma Moran (1995, p.2):

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Atinge-nos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial- sinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional.

5.2 Estratégias de uso

São muitas as vantagens do uso do vídeo na sala de aula, imagine, por exemplo, um programa infantil que contenha o gênero debate como principal estratégia para atrair os telespectadores. Ou então uma atividade na qual as crianças assistem um desenho animado e o analisam em termos de comportamento dos personagens, ações e consequências ao longo da narrativa, valores que são ensinados. Essa ideia permitiria um momento crítico e reflexivo para a vida das crianças, deixando-as capazes de opinar e recriar as programações, transformando-as em sujeitos reflexivos.

O vídeo também pode ser um aglutinador de espaço e tempo: pode-se conhecer a vida secreta de plantas e animais invisíveis a olho nu, acompanhar um berçário de estrelas ou visitar mundos impossíveis, recriados por animação. Mas, como já foi dito antes, esse potencial todo precisa fazer sentido para os estudantes.

Uma parte importante na elaboração de uma aula interativa, desafiadora e reflexiva é a escolha do gênero a ser trabalhado, pois é a partir da escolha do gênero que se decide qual abordagem pedagógica melhor convém para realizar os objetivos de aprendizagem. Essa discussão é antiga, começou com a velha TV e os vídeos em VHS, sobreviveram ao CD e ao DVD e chegou aos tempos atuais, com as tecnologias de streaming.

Um estudo que se tornou referência no Brasil foi aquele produzido pela professora Vania Lucia Quintao Carneiro, que identificou as primeiras discussões sobre audiovisual na educação na segunda metade dos anos 50. À época, o vídeo educativo era descrito como aquele “apresentado para algum sério propósito, ou para ensinar alguma coisa ou desenvolver um conhecimento cultural mais amplo” (CARNEIRO, 1999, p. 34).

Quatro espécies de programas eram consideradas educativos: cursos ministrados via TV, programação cultural sobre artes plásticas, música, teatro etc.

Ajuda prática e discussão de questões públicas em debates e mesas redondas televisionadas. Segundo a autora:

Os programas de televisão para o ensino limitavam-se ao formato de uma aula presencial, ainda que utilize todo um repertório de materiais audiovisuais. A aula 'bem-preparada e séria', dentro do método de exposição-demonstração, tornou-se a maneira mais popular de ensino pela televisão. (CARNEIRO, 1999, p. 36).

As dramatizações eram vistas com reserva, segundo a autora, porque se temia que os estudantes passassem a comparar os conteúdos educativos com os comerciais e rejeitassem, de antemão, os conteúdos pedagógicos. Essa perspectiva logo se demonstrou equivocada e, segundo Carneiro, já nos anos 60, novos estudos trouxeram à tona o conceito de "aprendizagem incidental" pela TV. Trata-se do aprendizado que é resultado da fruição prazerosa do audiovisual, que mistura fantasia e diversão aos conteúdos escolares:

Uma das especificidades da linguagem audiovisual é sua adequação à ficção narrativa e à identificação emocional. É uma linguagem que afeta mais a fantasia e o desejo que a razão analítica. (CARNEIRO, 1999, p. 53).

Em outras palavras, não se deve exigir da televisão e do vídeo uma linguagem analítica específica da escola. Mas é possível juntar as duas na mediação feita pelo professor ou professora.

Considerando as peculiaridades da TV e a despeito da mudança nos suportes tecnológicos, os critérios das escolhas em função dos objetivos se mantêm e, aqui, usaremos a compilação feita por Siqueira (2005, p.272-273):

Quadro 1 – Formatos mais comuns de vídeos educativos

FORMATO	DESCRIÇÃO
Vídeos que podem substituir parcialmente a performance do professor	Mais comum no ensino universitário, esse tipo de material é útil, por exemplo, para ensinar um conteúdo novo ou optativo. Ao invés de ministrar as aulas, o professor pode passar a tarefa para o vídeo, e apenas gerenciar a produção de exercícios e exames, posteriormente. Evidentemente, nem todas as áreas do conhecimento podem utilizar esse recurso, dada a natureza dos conteúdos curriculares. E também é preciso contar com alunos maduros e disciplinados o suficiente
Vídeos que podem oferecer as bases do conhecimento para o trabalho do professor	Especialmente úteis ao educador que se iniciam num assunto novo, esses programas oferecem dados elementares sistematicamente organizados. A partir deles, é possível procurar informações adicionais e preparar atividades pedagógicas. O professor pode também utilizá-los como material pedagógico, posteriormente. O sucesso desse tipo de vídeos depende, no entanto, da habilidade que os produtores tiverem para planejar cuidadosamente a programação. Geralmente trata-se de uma sequência de vídeos que precisa do suporte adicional de material impresso
Vídeos que reforçam algum aspecto do currículo	Conteúdos que não podem ser devidamente exercitados dentro da sala de aula podem ser reforçados com a televisão. Ao tratar da oferta de energia nas aulas de Geografia, por exemplo, o educador pode reforçar esse conteúdo mostrando todo o ciclo de extração e refino e consumo do petróleo, através de um programa de TV.
Vídeos que enriquecem ¹⁰ aspectos do currículo	Diferentemente do terceiro grupo, este funciona como complemento, ao destacar aspectos paralelos ou adicionais de um conteúdo curricular específico.
Vídeos que renovam o currículo	Pela natureza da mídia, a TV é um dos recursos mais eficientes para introduzir novidades no repertório escolar. Muito mais do que os livros didáticos, por exemplo. Assim, ao produzir programas a partir de seminários acadêmicos, onde são apresentadas recentes descobertas ou invenções em um campo específico, o sistema de broadcasting auxilia o educador a equilibrar doses de conhecimento clássico com notícias frescas sobre o mesmo assunto.
Programas para grupos com interesse na cultura acadêmica	São aqueles produzidos para pessoas que tenham experiência e conhecimento para se dedicarem ao estudo de uma matéria, seja ou não para obter um certificado. História da arte, profilaxia de doenças etc.
Programas de formação profissional	São aqueles que oferecem aprimoramento ou atualização numa área profissional específica. Psicologia infantil para professores, estilos para designers de interiores etc.
Programas para o público em geral	Geralmente, referem-se a assuntos genéricos, mas com objetivos mais práticos, tais como técnicas de desenho, culinária, fotografia etc.
Programas genéricos para enriquecer o repertório cultural	São aqueles programas que, embora façam referência a aspectos da cultura acadêmica, são organizados de maneira menos sistemática e atuam como uma espécie de estímulo ao espectador, que pode se interessar pelo assunto, e procurar informação adicional depois. Assuntos diversos como Astronomia, Psicologia, Filosofia, Artes e outros, podem ser tratados nesses programas

Fonte: adaptado pela autora de Siqueira, 2005.

¹⁰Enriquecimento difere de reforço na medida em que o primeiro transcende as demandas imediatas do currículo. A demonstração de um processo industrial qualquer pode ser reforço para estudantes de tecnologia, mas é enriquecimento para alunos de administração.

A exploração adequada do potencial do vídeo, seja na aula presencial, seja no ensino remoto emergencial é uma ação importante, inclusive, para se fazer cumprir objetivos do Currículo Referência de Minas Gerais:

A Base Nacional Curricular Comum e os currículos elaborados a partir dela têm papéis complementares para a garantia do direito à aprendizagem, assegurando, assim, que o Currículo Referência de Minas Gerais estudantes desenvolvam competências, que se definem como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e sócio- emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, com vistas ao pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Espera-se, portanto, que ao final da trajetória escolar todos os estudantes: Exercitem a curiosidade intelectual e recorra à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas [...] (MINAS GERAIS, 2018, documento eletrônico)

Seguindo nessa linha e fazendo uma análise da Base Nacional Comum Curricular, a título de exemplo, vimos que a BNCC (BRASIL, 2018, p. 123-130) sugere para o quarto ano do ensino de fundamental na disciplina de Língua Portuguesa no que refere ao campo da vida cotidiana para o desenvolvimento da oralidade as seguintes habilidades:

1. (EF04LP12A) Assistir a um programa infantil com instruções de montagem de jogos e brincadeiras, entre outros textos do campo da vida cotidiana, para a produção de tutoriais em áudio ou vídeo.

2. (EF04LP12B) Planejar e produzir tutoriais em áudio ou vídeo, a partir dos programas assistidos.

3. (EF05LP20A) Assistir/ouvir a debates regrados sobre acontecimentos de interesse social, atentando-se para a validade e a força das argumentações.

4. (EF05LP20B) Analisar, em debates regrados sobre acontecimentos de interesse social, a validade e a força das argumentações (argumentos por comparação, por exemplificação, de autoridade, por evidência), com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital.

5. (EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (vlog científico, vídeo-minuto, programa de rádio, podcast) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicionais dos roteiros.

Para desenvolver a primeira habilidade citada aqui, a professora poderá ter certo trabalho para encontrar um programa infantil nos canais abertos da TV brasileira.

Provavelmente será preciso recorrer à internet para buscar, nas plataformas digitais gratuitas ou pagas, algum vídeo com instruções de montagem de jogos e brincadeiras, que possibilite o aluno produzir tutoriais em áudio ou vídeo. Entretanto, a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas já é realidade conhecida.

Por motivar o estudante a aprender de forma sistematizada e por ser um recurso importante para o processo de ensino e aprendizagem, o gênero tutorial, pode ser produzido em um programa de computador, podendo conter ou não imagens. Ao passo que o estudante vai ensinando o passo a passo do funcionamento de algo pelo tutorial, ele também vai aprendendo mais a respeito desse gênero e sobre estratégias de ensino. Percebe-se que é isso que as habilidades 1 e 2 aqui citadas esperam do educando ao final do 4º ano do ensino fundamental. Mas faltam recursos e formação profissional para tanto.

O gênero Jornalístico entra fortemente nas referências “EF05LP20A” e “EF05LP20B” que têm como objetivo: assistir e ouvir a debates regrados sobre acontecimentos de interesse social, atentando-se para a validade e a força das argumentações (argumentos por comparação, por exemplificação, de autoridade, por evidência), com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital.

Sabe-se que a curiosidade é algo natural da criança, por isso, trabalhar habilidades que envolvem a curiosidade torna o momento do aprendizado precioso e cheio de descobertas. De fato, a produção do jornal permite que a criança desenvolva o senso crítico, a curiosidade e a postura opinativa frente a acontecimentos reais ou imaginários.

O gênero jornalismo está incluso em diversas etapas dos componentes curriculares da educação básica e poderia, por exemplo, ser usado em aulas passeio que são comumente realizadas na educação básica. Nem é preciso ir muito longe. Imagine o professor levando suas turmas para caminhar pelo entorno da escola, conhecendo o bairro, fazendo alguma pesquisa com as pessoas que encontram no caminho, ou então investigando o histórico da escola, ou debatendo alguma nova decisão da gestão pública¹¹, usando a técnica do “fala povo”. As possibilidades são

¹¹ A autora desta pesquisa trabalha em duas escolas, uma situada em Minas Gerais e outra, em São Paulo. Nada de finalização da escrita dessa dissertação, é importante registrar a necessidade de se debater a medida que o governo do Estado de São Paulo tenta implementar para acabar com o livro didático impresso nas escolas.

muitas: observar o saneamento básico pelo registro audiovisual amador, a iluminação pública e sua relação com a segurança, os tipos de moradia, a presença (ou ausência) do Estado na localidade. Tanto material coletado deverá passar por uma triagem que vai ensinar sobre decisões editoriais. Por fim, vem a produção final, que tem potencial para fomentar trabalho colaborativo em grupo. Uma vez pronto, o vídeo com notícias pode ser exibido na escola e os autores vão poder observar as reações do público, comparando as expectativas e o resultado de fato obtido, numa típica atitude experimental.

Enfim, o recurso audiovisual ajuda a enriquecer o trabalho dentro da sala de aula, ajudando na compreensão e envolvimento dos estudantes ao que está sendo desenvolvido. Isso ocorre, pois de acordo com Moran (1995), é a propriedade dinâmica da linguagem do vídeo que se dirige à afetividade. E a afetividade pode ser complementada com a razão, em especial na recepção mediada pelo professor ou professora.

6. DESENHO METODOLÓGICO

Visando conhecer e compreender sistematicamente as experiências exitosas e as que não deram certo com o uso do vídeo no ensino remoto, a partir da perspectiva de professoras do Ensino Fundamental, a presente pesquisa teve objetivos exploratórios. Conforme Gil (2008), essas pesquisas se comprometem em proporcionar mais familiaridade com um problema, ao torná-lo explícito e analisável. A abordagem escolhida é a da pesquisa qualitativa que, conforme Godoy (1995, p.22), propõe-se conhecer o fenômeno no contexto em que ele ocorre e do qual é parte, de maneira integrada: “o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo, a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas”. O estudo foi de natureza básica e almejando a aquisição de novos conhecimentos sobre o objeto investigado, sem o compromisso particular de aplicação ou utilização.

Como procedimento, foi feita pesquisa bibliográfica e documental, envolvendo legislação e outras orientações para o ensino remoto emergencial, bem como fundamentos teóricos sobre gêneros e formatos do vídeo e suas possibilidades de uso na educação.

Esse referencial guiou a produção de um roteiro para entrevistas semi-estruturadas com professoras que atuaram no Ensino Fundamental durante a pandemia e usou o vídeo como recurso pedagógico.

No segundo procedimento, foi feita uma pesquisa de campo o que levou a realização, bem – sucedida, das entrevistas e das análises dos recursos educacionais usados nas aulas remotas, o que permitiu conhecer as experiências vividas pelas professoras no período pandêmico. Esse modelo de pesquisa foi escolhido, pois de acordo com Gil (2008), a pesquisa de campo visa aprofundar o conhecimento sobre uma realidade específica, por meio da observação direta e de entrevistas com informantes, para trazer à tona explicações e interpretações sobre o objeto de investigação. E Conforme Lüdke (1986, p.34), a entrevista é uma das principais técnicas de trabalho para o estudo de campo na pesquisa qualitativa:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos [...]. Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduo ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam de sobre maneira eficaz na obtenção das informações desejadas.

7. DESENVOLVIMENTO

A amostra é composta por cinco professoras que lecionaram para os anos iniciais do Ensino Fundamental em Escolas de Educação Básica do Município de Uberaba, no período pandêmico e que usaram o vídeo como recurso pedagógico.

Antes de enviar os convites para as entrevistadas, foi feito um contato prévio com a direção das escolas para utilização do ambiente e envio dos convites para participação das entrevistas. Como as professoras demonstraram interesse em participar e compartilhar seus relatos, foi marcado um dia e um horário de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada. As entrevistas foram gravadas e a entrevistada leu previamente as perguntas e apenas respondeu as questões que se sentiu confortável. Também foram coletados e analisados alguns vídeos que as professoras usaram para ministrar suas aulas no ensino remoto.

Cada participante respondeu um roteiro que conta com 20 perguntas divididas em dois eixos temáticos, a saber:

Eixo 1: caracterização da entrevistada, com ênfase na sua biografia profissional e formação para usar audiovisuais na educação

Eixo 2: modos de uso do vídeo durante a oferta de ensino no período pandêmico.

As participantes são mulheres com idade entre 34 a 58 anos de idade, com experiências significativas do contexto escolar do ensino público, com mais de cinco anos de vivência nos anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica. Todas formadas em Pedagogia, sendo duas formadas em universidade pública federal e três em universidade privada, concluídas entre 1999 a 2014. Observou-se que apenas duas das entrevistadas fizeram pós - graduação no nível de especialização e uma ingressou no mestrado, mas, por questões financeiras, não concluiu. Entretanto quatro cursou ou cursa outra graduação. Foi notado nas falas das envolvidas que seus salários fazem parte da renda principal da família.

Quadro 2 - Quadro analítico A: experiência das professoras com o uso do vídeo antes da pandemia

ENTREVISTADA	Cursos e experiências que tinham com o uso do vídeo no ensino
P1	Não. Eu nunca tive formação própria para usar o vídeo, e a pandemia foi à surpresa. Não só para mim como para todo mundo. Na produção do vídeo para ministraras aulas. Entramos de cara na produção do vídeo para ministrar as aulas na pandemia.
P2	Não, nesses anos todo que eu dou aula, nunca teve uma formação, assim...Voltada para usar o vídeo, não. Pra falar a verdade, os vídeos nas formações eram para motivar. Sempre tinha um vídeo gravado, mas com imagens e mensagem motivacional, mas nunca ensinaram a gente a gravar ou usar um o, vídeo na sala, algumas vezes a gente nem conseguia assistir ou ouvir o vídeo por que a internet era lenta. Ruim mesmo sabe?
P3	Não, eu nunca tive formação para usar o vídeo na sala, nem antes, nem depois da Pandemia.
P4	Olhe, para usar o vídeo mesmo não, eu não me lembro de nenhuma formação para usar o vídeo, só na Pandemia foi que a prefeitura deu uma <i>live</i> sobre essas tecnologias e metodologias ativas, mas assim... Foi só uma <i>live</i> e pronto. Assim..., o assunto foi bem interessante, porém muito superficial, eu achei que foi pouco tempo.
P5	Como minha faculdade era á distância, eu tive uma disciplina de ambientação, mas assim, era mais para explicar como ia ser os procedimentos da universidade para avaliar a gente. Mas nada especifico assim, pra gravar vídeo sabe, mas era tudo transmitido pelo vídeo, mas assim... Que em nenhum momento foi ensinado o passo a passo de como gravar vídeo. Não isso, não mesmo.

Fonte: elaborado pela autora

As respostas das cinco entrevistadas indicam que houve uma tendência ao despreparo e ao improvisado. Quatro delas afirmaram nunca ter tido uma formação específica sobre o uso do vídeo como recurso pedagógico. A única entrevistada com alguma familiaridade teve, na verdade, experiência como aluna usando vídeos e não como professora. De fato, conforme apontamos na fundamentação teórica, houve muito mais esforço para formalizar burocraticamente a oferta do ensino remoto, do que a preparação das condições concretas para ofertá-lo. As respostas das professoras são uma evidência do que foi priorizado na gestão.

Quadro 3 - Quadro analítico B: gêneros e formatos mais usados pelas professoras

Tipos	Formatos escolhidos por cada uma das entrevistas, com descrição de exemplos
Vlog	P3 - Sim, aos poucos fui aprendendo a manusear o aplicativo e colocar na tela para mostrar a eles vídeos sobre a matéria. Eu buscava, assim, uns vídeos nos blogs que trazia assunto do tema que ia trabalhar com os meninos.
React	P5 – É assim, eu gostava de passar vídeos com músicas educativas, como eram crianças bem pequenas, eu passava o vídeo da música que tinha assim... Com bastante imagem e ia dançando com os alunos, e às vezes era para fazer alguma apresentação,sabe?Assim, dependia da série que eu estava lecionando. Já peguei aquelas dancinhas do tiktok. Já passei filme de motivação. Sabe, depende, sabe. Mas assim, eu passava muito vídeo antes da pandemia.
Stories ou Reels	P5 - Usava. Eu usava muito vídeo antes da Pandemia, eu sempre gostei de mostrar o que faço na sala, sabe, então, eu gravo meus alunos fazendo as atividades para postar nas redes sociais da escola, sabe, mas era um vídeo curtinho com fundinho musical, entendeu?
Listas	P1 - Uma aula que foi fácil, que foi assim, do meu ponto de vista, rendeu durante esse período foi a de matemática. Gravar os vídeos, é, ensinando os cálculos, é fazendo as correções das atividades passo a passo. Eu adquiri um quadro, coloquei num cômodo aqui da casa. E, no meu ponto de vista, facilitou muito o aprendizado do aluno e depois algumas mães que realmente acompanhavam essas aulas. Elas falavam que relembavam do conteúdo que ajudou muito acompanhar o filho no momento da aprendizagem.
Tutoriais	<p>P1 - Gravava os vídeos, é, ensinando os cálculos, é fazendo as correções das atividades passo a passo né?</p> <p>P2 - Usei muito vídeo do youtube, do facebook, eu até gravei vídeo com aulas minhas mesmo, explicando o conteúdo. Mostrando o como os meninos deviam fazer algo. Sabe? Meu filho me ajudou muito [...]</p> <p>P3 - Eu lembro que numa aula minha, eu sugeri que os alunos fizesse um vídeo mostrando um experimento de ciências, sabe? E uns quatro alunos meus que fizeram o vídeo com ajuda dos pais.. Um deles ensinou a fazer uma receita. Foi legal! Eles iam ensinando como fazer a receita. Outro fez umas misturas de produtos e aí foi mostrando como fazer as misturas para dar certo. Teve um que ensinou até a como plantar e limpar a plantinha. Eu gostei muito, sabe? E comecei a pedir mais vídeos assim, mesmo com pouca participação.</p>

Vídeos sociais	<p>P4 - Eu olhava o conteúdo que eu ia trabalhar e via qual filme podia me ajudar a passar o conteúdo ou então algum vídeo do Youtube, sabe com animações. Vídeo com animação são muito bons para chamar a atenção das crianças e sem falar que são rápidos, curtinhos, é uma maravilha... Teve um que eu fui trabalhar o descobrimento do Brasil, a época da colonização, aí eu achei um vídeo de uns doze minutos com muitas imagens de Cabral, dos índios, tinha navios e quando ia passando as imagens um home ia explicando, os alunos ficaram tão atentos (risos) achei aquilo tão bonitinho.</p> <p>Posso dizer outra? Então... Sabe aquele vídeo cordas? Você já viu? Nossa. Ele é lindo e fantástico para falar com os alunos sobre inclusão, sabe, recomendo. (risos)</p> <p>Eu quis trabalhar a questão de respeitar as diferenças, a inclusão de alunos com deficiência, aí escrevi no Google assim... Trabalhar inclusão na sala de aula e apareceu esse vídeo, aí eu,eu assisti e passei para meus meninos, a maioria dos meninos chorou com o vídeo. Foi bem bacana também. Aí a moça da biblioteca recomendou até para as outras professoras. (risos). Acho que exagerei na resposta. (risos).</p>
Outros formatos	<p>P1 - Teve um dia que eu passei o filme do Lorax esse filme fala sobre o meio ambiente, eu dava aula para o 5^o ano na rede pública, como já te falei antes. Então eu, como eu tinha Netflix, chamei a menina da informática que trabalha na escola para colocar minha senha no computador da escola e projetar <i>datashow</i> na parede e os alunos assistiram. Depois comentamos sobre o que eles acharam do filme. Se tiver o filme na Netflix eu faço assim, e quando não era assim, eu pesquisava o vídeo no Youtube e pedia pra pessoa da informática baixar pra mim e passar lá na sala. É isso.</p> <p>P2- Era só um plano de aula, era o mesmo plano para as quatro turmas, aí teve um plano que uma colega colocou que era assistir ao filme do rei leão para trabalhar a questão da família e dos amigos.</p>

Fonte: elaborado pela autora

Foi notado que as professoras buscavam e usavam os vídeos que agregassem ao conteúdo que se queria trabalhar na sala, sem se preocupar com formato ou o gênero dele. Sua utilização tinha como ponto motivador a exigência que no plano de aula deveria ter o uso do aparelho tecnológico, ou por seguir o plano de outra colega de profissão, como é dito pela professora 2. Ou seja, o uso do vídeo não seguia uma sequência didática. Outros pontos notórios foram: a necessidade de outro sujeito que

ajudasse na reprodução do vídeo, internet ruim e desconhecimento de onde e como buscar o vídeo.

Mesmo sem compreender as respeito dos gêneros e formatos dos vídeos, foi percebido que as professoras priorizaram os vídeos com bastantes imagens, os filmes com desenhos animados e curta metragem, todos usados, de acordo com as ideias de Siqueira, para substituir parcialmente a performance do professor, oferecer as bases do conhecimento para o trabalho do professor e que reforçam algum aspecto do currículo como, por exemplo, o caso do curta metragem citado por uma professora usado para falar sobre a questão da inclusão.

Quadro 4 - Quadro analítico C: finalidade do vídeo no plano de trabalho

Abordagem pedagógica conforme o formato	Experiência descrita pela entrevistada
Substituir parcialmente a performance do professor	P4 - Olhe, eu tentei no Google sala de aula foram colocados alguns vídeos com conteúdos para os alunos assistirem e fixar melhor o conteúdo
Oferecer conhecimento para o trabalho do professor	P2 - É, eu usei alguns vídeos da plataforma YouTube para acrescentar as aulas, alguns vídeos ajudaram muito porque mesmo é, o material sendo construído pela dupla de professores de cada série, é, alguns vídeos eles tinham uma linguagem mais acessível, uso das imagens e facilitava a aprendizagem, a visualização ajudava muito. Meu filho também me ajudou muito nesse tempo, sabe ele tinha umas idéias muito boas, assim... Às vezes ele pegava uns vídeos do Youtube com princesas e juntava com outros de guerreiros, sabe, aqueles que os meninos gostam, sabe aquele que tem luta, sabe? A mistura ficava legal, as princesas conversavam com os guerreiros aí virava um diálogo engraçado e as poucas crianças que via, gostava muito. Eu aproveitava para ensinar às palavras usadas, o diálogo mesmo, a linguagem gestual. A gente tem que aproveitar tudo. As outras professoras até pediam esses vídeos para passar nas turmas delas.
Reforçam um componente curricular ensinado	P3 - Sim, eu já usei o vídeo do Youtube sobre placas tectônicas, Formação dos continentes, documentários, outros vídeos que eu achava interessante. Descrever a aula? Então... No vídeo do YouTube eu selecionava um que tivesse um professor falando, explicando sobre o conteúdo que eu queria passar e depois eu colocava as perguntas no quadro e conversava com os alunos.
Ampliar / enriquecer um componente curricular estudado	P1 - Gravar os vídeos, é, ensinando os cálculos, é fazendo as correções das atividades passo a passo. Eu adquirei um quadro, coloquei num cômodo aqui da casa. E, no meu ponto de vista, facilitou muito o aprendizado do aluno e depois algumas mães que realmente acompanhavam essas aulas. Elas falavam que lembravam do conteúdo que ajudou muito acompanhar o filho no momento da aprendizagem. P2 - eu usei muito vídeo do YouTube, do Facebook, eu até gravei vídeo com aulas minhas mesmo. Meu filho me ajudou muito, ele conseguiu recortar sabe vídeo do YouTube com trechos de filme, de desenhos e aulas de algum tema mesmo. Sabe, ele me ajudou tanto coitado que ficou esperto nesse negócio de vídeo. Mas o que eu mais gostei foi quando ele gravava as minhas aulas. Parecia que eu estava na

	televisão mesmo, em algum programa. (risos) Ele gravava no celular mesmo ou colocava no meet pra gravar. Depois eu só mandava essas aulas no grupo de WhatsApp para os outros alunos.
Trazer um tema novo para o programa de estudos Outra abordagem	P – 3 Então... No vídeo do YouTube eu selecionava um que tivesse um professor falando, explicando sobre o conteúdo que eu queria passar e depois eu colocava as perguntas no quadro e conversava com os alunos.

Fonte: elaborado pela autora

Notou-se que nos planos de aula os vídeos foram usados para prender a atenção do aluno e como cumpridor de metas exigidas pela escola, não houve claramente finalidade pedagógica para esses ricos recursos. Nas falas, percebe-se que eles entenderam a diferença que há na aula com o uso do vídeo, porém foi possível observar que suas dificuldades em manusear os aparelhos eletrônicos não as permitiram a exploração desse recurso.

Em todas as respostas notamos que houve a presença de uma cabeça falante com a função de substituir o desempenho do professor para introduzir e explicar um novo conhecimento, de acordo com os estudos de Siqueira (2005, p.272-273) esses formatos de vídeos são:

Especialmente úteis ao educador que se iniciam num assunto novo, esses programas oferecem dados elementares sistematicamente organizados. A partir deles, é possível procurar informações adicionais e preparar atividades pedagógicas. O professor pode também utilizá-los como material pedagógico, posteriormente. O sucesso desse tipo de vídeos depende, no entanto, da habilidade que os produtores tiverem para planejar cuidadosamente a programação. Geralmente trata-se de uma seqüência de vídeos que precisa do suporte adicional de material impresso.

Embora a utilização desses formatos de vídeos seja comum no meio educacional, percebe-se que a falta de habilidade em integrar esses materiais a outros que completam uma seqüência didática deixa o vídeo um recurso incompleto e vazio, sem fins pedagógicos.

LISTA 1 – Aspectos positivos do uso do vídeo apresentados pelas professoras

- **P1** - Os meus maiores acertos, eu acredito que tenha sido, é conseguir melhor desenvoltura na gravação dos vídeos.

- **P2** - Mas, assim... O que eu mais gostei mesmo, foi quando ele gravava as minhas aulas. Parecia que eu estava na televisão mesmo, em algum programa. (risos) Ele gravava no celular mesmo ou colocava pra Meet pra gravar. Depois eu só mandava essas aulas no grupo de *WhatsApp* para os outros alunos. Assim, eu já estava até me adaptando sabe? Eu comecei a falar melhor, mais explicado, sabe. Depois eu gostava de me ver no vídeo.
- **P3** - Depois de tudo e ter escolhido as imagens, sabe? Os alunos criavam um vídeo com as imagens que encontravam, sabe... Só que o envolvimento foi muito pouco, mas eu acho que mesmo assim valeu à pena. Eu prefiro pensar assim... Assim, foi um ponto positivo, não foi? Mesmo pouquinho dos alunos envolvidos, mas foi uma vitória.
- **P4**- Vídeo com animação são muito bons para chamar a atenção das crianças e sem falar que são rápidos, curtinhos, é uma maravilha... Teve um que eu fui trabalhar o descobrimento do Brasil, a época da colonização, ai eu achei um vídeo de uns doze minutos com muitas imagens de Cabral, dos índios, tinha navios e quando ia passando as imagens um homem ia explicando, os alunos ficaram tão atentos (risos) achei aquilo tão bonitinho.
- **P5** - Eu acho que eu acertei nas gravações dos vídeos, sabe... Nas gravações, eu aprendi a usar muitos tipos de vídeos, sabe? Com imagem, cortar os que já existem, assim, eu me virei. As crianças gostam de vídeo, sabe..., das imagens do vídeo. Eu busquei no Youtube e fui mexendo nos aplicativos até aprender, sabe.

Mesmo afirmando que acertaram nas escolhas e no processo de edição de alguns vídeos, o que percebemos é que, se as entrevistadas conseguissem passar o vídeo na aula, elas já consideravam ponto positivo. No entanto, nota-se que houve deficiência nas habilidades técnicas da escolha do audiovisual notamos que aspectos como: o gênero, o formato, a linguagem verbal, a qualidade de gravação e outros aspectos técnicos não foram valorizados na escolha.

Percebe-se que nenhuma professora sequer citou o aspecto pedagógico, o que já deveria ser esperado: se elas não tiveram formação adequada, o esforço todo foi feito em descobrir, por tentativa e erro, como a tecnologia funcionava. Não parece ter sobrado tempo para pensar nos tipos de uso pedagógico do vídeo, por exemplo. Elas

usaram para transmitir conteúdo ou para ilustrar conteúdo. O que nos leva a seguinte indagação: Quantas outras possibilidades ficaram de fora?

LISTA 2 – Aspectos negativos do uso do vídeo apresentados pelas professoras

- **P1** - Os meus erros foi ter gasto muito em tecnologia, eu tive que trocar computador, eu tive que, investir em *Ring light*, acabei não usando. Esse foi um erro. E o investimento foi assim em longo prazo. E, o retorno, eu pensei que iria alcançar um número maior de alunos e não alcancei.
- **P2** - Então... Eu acho que uma complicação foi dividir espaço e aparelho tecnológico com meu filho. E acho que isso dificultou muito gravar mais vídeos sabe! Outra coisa assim... Eu acho que foi empecilho sabe, foi encontrar uma parede adequada para mostrar nas câmeras na hora da aula. O vídeo precisa de ambiente legal. Bonito e minhas paredes não estava legal. (risos) tive que pintar pelo menos uma, gravar as aulas, eu não sei mexer com vídeo, nem com essas tecnologias todas, meu filho que me ajudava, quando ele podia. E ajuda até hoje.
- **P3** - Aos poucos fui aprendendo a manusear o aplicativo e colocar na tela para mostrar a eles vídeos sobre a matéria. Eu buscava, assim, uns vídeos nos blogs que trazia assunto do tema que ia trabalhar com os meninos. Mas assim... Eu achava complicado em passar vídeo, era que eu tinha que assistir aos vídeos bem antes e assim, a gente precisa de muito tempo pra planejar com o vídeo, você sabe que temos que assistir tudo antes pra não ter linguagem ou sei lá algo impróprio pros meninos. E assim, menina, eu já não agüentava mais ficar na frente de um computador e de um celular, minha cabeça já doía, Meus olhos também doíam, troquei até os óculos. De verdade, eu já não agüentava mais. E depois o retorno era tão pouquinho, sabe.
- **P4**- E assim... Vídeo é muito bom, só que assim... Nossa internet tinha que ser muito boa para poder passar um vídeo completo, sem parar. Mas o que eu não gostava de trabalhar com vídeo, também é que eu sempre tinha que chamar outras pessoas para me ajudar, iii demorava muito, iii isso acaba estressando agente. Lá na escola eu até usava vídeos antes da pandemia, porém não era

eu quem mexia nos aparelhos quando não era a bibliotecária, era o rapaz da sala de informática que levava os aparelhos lá pra sala e eu passava. Porém tinha que ser tudo bem agendado com muita antecedência, porque o rapaz não ia todos os dias pra escola. Isso já me desmotivava, porque eu tinha que passar o vídeo um mês depois que fechava o conteúdo.

- **P5** - Eu perdi muito tempo mexendo no computador, gravando vídeo, e olha, o vídeo toma muito tempo nosso pra gravar, eu gosto de usar o vídeo, nossa, mas ele desgasta muito a gente e o pior é que não virou nada.

Parece haver uma incoerência entre os pontos positivos e negativos em algumas respostas: as professoras afirmam que aprenderam a falar melhor, a gravar, a editar, mas, ao mesmo tempo, reclamam das dificuldades técnicas e dos poucos resultados alcançados, a despeito de todo o esforço.

Essa aparente contradição pode ser explicada com a discussão feita no capítulo 1: se houve mais dedicação à formalização burocrática do ensino remoto online do que ao preparo adequado dos professores para trabalhar com vídeos, respostas como essas coletadas na pesquisa revelam o esforço individual das professoras, na base da tentativa e erro, porém sem a segurança de uma formação sólida e adequada para a situação.

LISTA 3 – Principais dificuldades encontradas pelas professoras no uso do vídeo em aulas remotas

- **P1** - Alguns pais reclamavam da gente não responder as perguntas, as dúvidas, tirar as dúvidas dos alunos pelo WhatsApp e eles reclamavam do celular ficar sobrecarregado. De muito vídeo com explicações, com a atividade de correção. Segundo a pedagoga, os pais ficavam reclamando do tipo de explicação, vídeo extenso, do tipo de atendimento que eu ministrava. E a pedagoga também reclamando que aluno não participava da aula.
- **P2** - Então... Eu acho que uma complicação foi dividir espaço e aparelho tecnológico com meu filho, encontrar uma parede adequada para mostrar nas câmeras na hora da aula. Gravar as aulas, eu não sei mexer com vídeo, nem com essas tecnologias todas, meu filho que me ajudava, quando ele podia. E ajuda até hoje.

- **P3** -Na ordem... Então a primeira é que era tudo novo, dificuldade com acessos nos aplicativos que o Estado e a prefeitura mandaram. E não sabia entrar no Google sala de aula, nem no site pra pegar as sequências, nem na conexão escola. Eu acho que a complicação dois é que os alunos eram sem condições financeiras para acessar internet. E a três... É que, meu aparelho não suportava tantas atividades. Mesmo com os aplicativos do governo, os alunos quando mandavam as atividades era no meu zap. Mas assim... Olhando por um lado bom, eu aprendi a usar muitas ferramentas tecnológicas que eu não usava, sabe? Eu acho que eu poderia ter aprendido muito mais, só que não assim, a gente fica atolada em papel, e tinha muito pouco tempo para gravar vídeos, planejar assim, uma aula bacana, sabe?

- **P4**- Mas o que eu não gostava de trabalhar com vídeo, também é que eu sempre tinha que chamar outras pessoas para me ajudar, isso demorava muito, isso acaba estressando agente. Uma dificuldade com o vídeo? Ah... Além da internet que não rodava direito o vídeo, eu não sabia mexer, e meu computador ficava apagando. Nossa... Desligava do nada.

- **P5** – Eu acho que foi o financeiro, a perda das aulas do projeto desestruturou meu orçamento. Complicou um pouco. Por que lá em casa é o meu salário para tudo, menina! Eu sou mãe sozinha, então tudo é o meu salário, pra tudo. Então eu acho que o primeiro, assim na ordem. O financeiro complicou, por que assim... Meu celular não suportava muito aplicativos e eu tive que baixar muitos aplicativos porque quando eu começava a usar bastante, tinha uns que começava a cobrar, pra as ferramentas de editar. E pra editar os vídeos também você tem que ter um aparelho bom senão fia, você passa a vida de frente a tela por causa da lentidão do computador. E um vídeo ocupa muito espaço mesmo no drive, Você sabe... E assim, eu não podia apagar nada. Depois eu acho que, que foi o desinteresse sabe... Os pais e os alunos não queriam acordar cedo para entrar na aula pelo Meet, ou mandar no zap no horário normal da aula, não. É eles não entravam e queriam que a escola mudasse o aluno de horário, acredita? Não olha... Tinha família que não podiam entrar, essas eu entendia, sabe? Só que outros não. Então acho que essa falta de interesse dificultou. Aí, sei lá... Eram umas crianças apáticas, não abriam as câmeras, assim, é eu me sentia tão sozinha, era estranho aquilo. E o último. A

falta de aparelho eletrônico. Celular, computador ou um tablet, sabe... Algo que os meninos pudessem assistir pelo Meet ou mandar as fotos pelo zap. Entendeu? Sabe, assim... É mesmo com vídeos maravilhosos, eram poucos os alunos que valorizavam.

A lista de dificuldades corrobora a tendência que vinha sendo apresentada nas outras compilações de resultados: as professoras não receberam o apoio tecnológico e de formação minimamente necessário, trabalharam na base do improviso e da tentativa e erro e se viram sobrecarregadas. Computadores e *smartphones* sem a capacidade técnica necessária, internet de má qualidade falta de suporte técnico são a ponta do iceberg da gestão desastrosa da oferta de ensino remoto emergencial.

Entre as dificuldades também foram citadas a exigência de disponibilidade constante por parte de pais e responsáveis pelos alunos e as reclamações de coordenadores pedagógicos que, no universo observado, pareciam colocar no professor a responsabilidade pela falta de habilidade em lidar com o fluxo da comunicação com os estudantes e a família.

LISTA 4 – Outras informações relevantes coletadas que não se encaixaram nos quadros ou listas

- **P3** - A falta de apoio financeiro dificultou muito, porque a internet não suportava tantas atividades, tantos aparelhos. Tanto celulares, quanto computadores esgotavam espaços, e tudo eu tinha que comprar do próprio bolso, sendo que as aulas também estavam bem diminuídas. E perdi, sabe... Perdi muitas aulas excedentes que eu tinha. Passei por uma grande dificuldade financeira, e tinha que ter tudo funcionando.
- **P4** - Meu erro eu achei que foi me envolver com as famílias, quando eu ia a casa deles. Sabe... Eu queria ter usado mais maneiras de dar aula, sabe, mas, porém não chegava até os alunos. Infelizmente meus alunos não aprenderam nada da série deles, por que até as atividades escritas, eu acho que não foram eles que fizeram, por que tinha muita letra bem diferente.

Esses dois depoimentos acrescentam aspectos não diretamente relacionados ao objeto de investigação desta pesquisa, mas que não podem ser descartados: a precarização do trabalho das professoras que, com a pandemia, perderam horas de

aula devido ao Decreto nº 5.445, de 08 de Abril de 2020 que estabeleceu o corte de aulas excedentes ou suplementar ao cargo, como medidas administrativas de racionalização, controle orçamentário e contenção de despesas, no âmbito do Município de Uberaba, Estado de Minas Gerais, decorrentes do Coronavírus - Covid-19.

Ao mesmo tempo, com os salários reduzidos, foram cobradas a investir em tecnologia que deveria ser concedida pelo Estado. Um segundo aspecto diz respeito ao compromisso pessoal dessas professoras que, mesmo no auge da campanha do “fique em casa”, saíam de suas residências, usando recursos próprios, para ir visitar seus alunos, distribuir material didático e recolher tarefas. Como se vê, houve uma super exploração do trabalho docente, ao mesmo tempo em que não houve aprendizado significativo. Diante de tantas perdas, quem deve ser responsabilizado?

O ESFORÇO PARA PRODUZIR CONTEÚDO

Nas seções anteriores, foram apresentados os relatos das cinco professoras, mostrando o esforço que fizeram para ofertar conteúdo pedagógico, ainda que sem infraestrutura mínima e formação adequada. Para compreender melhor esse esforço, vamos descrever e analisar alguns vídeos produzidos pelas entrevistadas¹².

VÍDEO 1 – MATEMÁTICA – 5º ANO ENSINO FUNDAMENTAL

Gravado pela professora 1, trata-se de um vídeo para uma aula do componente curricular de Matemática, para alunos do 5º ano do EF, para ensinar porcentagem. Tem duração total de 2 minutos e 12 segundos. De acordo com os estudos de Siqueira (2005), é um exemplo de “vídeo que pode substituir parcialmente a performance do professor,” com formato de tutorial que de acordo com a pesquisadora “são vídeos com duração variável, com ou sem diálogo, mas que sempre mostram como fazer alguma coisa” (conforme o quadro da página 38)

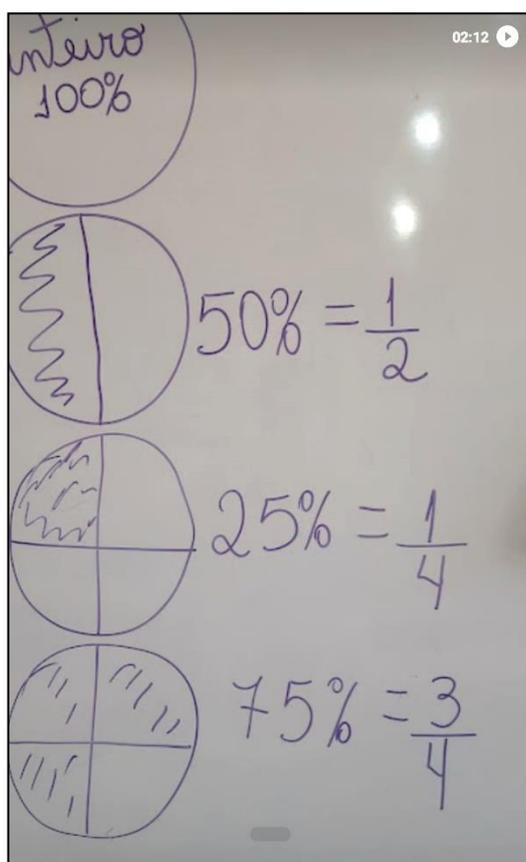
O conteúdo do vídeo se resume à voz em *off* da professora enquanto escreve no quadro. O conteúdo apresentado, segundo a professora, é referente a duas questões contidas nas atividades das sequências didáticas do segundo semestre de

¹² As entrevistas concordaram em ceder frames ilustrativos dos vídeos, mas pediram que não fossem incluídos na pesquisa. O pedido foi obviamente acatado, inclusive para manter o anonimato das fontes.

2020. A professora reforça que o vídeo foi elaborado para explicar aos alunos como fazer o cálculo das porcentagens, retomando as frações. Ela explica também que elaborou essas atividades para enviar semanalmente para o site oficial da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba.

Na entrevista, a professora informou que foi até a escola para gravar e contou com a ajuda de um colega para captar as imagens e editar o material. Não há recursos de iluminação e o som não é límpido, e não há uma linguagem audiovisual atraente para crianças. Mas o conteúdo matemático foi apresentado com desenvoltura.

Figura 3 – Still do vídeo 1 produzido por professora



Fonte: da pesquisadora

VÍDEO 2 – LÍNGUA PORTUGUESA – 1º ANO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste vídeo, a professora 2 grava uma contação de história do livro “O gato xadrez” (Isa Mara Lando, ilustrado por Tatiana Paiva, editora Brinque Book, 2012).

A professora explicou que o vídeo foi produzido com a intenção de trabalhar questões de leitura, escrita, compreensão e produção de texto oral, conforme demandas do componente curricular Linguagens.

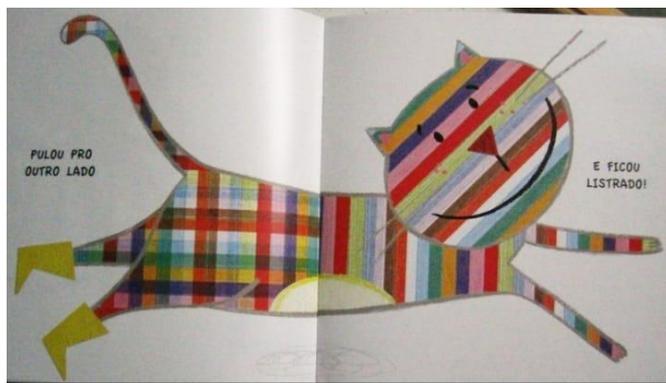
Com 8 minutos e 45 segundos de duração, o vídeo enquadra a professora, sentada e vestida com um avental que ela chamou de “aventil literário”. Ela é a única pessoa que aparece no vídeo e, conforme vai contando a história, ela retira dos bolsos gatos de diversas cores, feitos de EVA, e vai mudando as páginas do livro.

Na entrevista, a autora do vídeo informou que a gravação foi feita na casa dela, usando um celular, um *highlight* e um notebook para edição. Ela pagou com recursos próprios um terceiro para editar o vídeo e cortar os erros que ela cometeu e os ruídos ao fundo. Ela reforçou que que passou o dia inteiro gravando, mas só usou oito minutos.

Conforme o quadro de Siqueira (2005), trata-se de um formato para Vlog, pois “são os vídeos feitos para blogs que dão mais espaço para a linguagem oral do que para o texto escrito.” (conforme quadro da página 38). Esses estilos de vídeos geralmente são usados em “programas genéricos que servem para enriquecer o repertório cultural. São organizados de maneira menos sistemática e atuam como uma espécie de estímulo ao espectador” (idem).

Durante a reprodução do vídeo é possível ouvir latidos, o que dificulta, em a compreensão da narração. Em alguns momentos, os latidos são mais altos que a voz da professora. O recurso dos gatos de EVA faz sentido na medida em que o texto descreve gatos de diferentes cores e que têm costumes, desejos e atitudes que rimam com suas respectivas cores. Mesmo todas as dificuldades, a professora concretizou o objetivo de contar a história a história do Gato Xadrez, como faria em uma aula presencial, e fez esse conteúdo chegar aos seus alunos.

Figura 4 – Still do vídeo 2 produzido por professora



Fonte: da pesquisadora

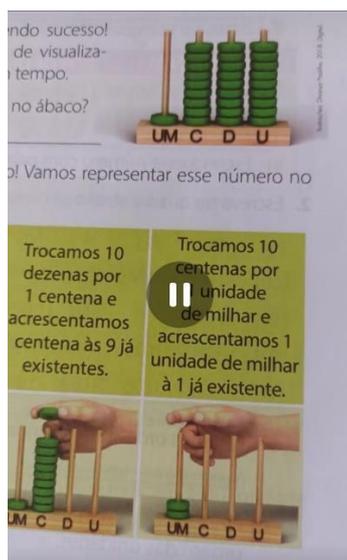
VÍDEO 3 – MATEMÁTICA – 3º ANO ENSINO FUNDAMENTAL

Gravado pela professora 3, para o componente curricular de Matemática para o de 3º ano do EF, o vídeo tem 10 minutos e 2 segundos de duração, nos quais a professora explica os conceitos de unidade, dezena, centena e unidade de milhar. Ela faz uma narração em off enquanto exibe páginas do livro didático de Matemática usado pela turma. Conforme os formatos descritos por Siqueira (2005), trata-se de um vídeo que serve para enriquecer aspectos do currículo, uma vez que funciona como complemento, ao destacar aspectos paralelos ou adicionais de um conteúdo curricular específico.

A entrevistada informou que usou o próprio celular e gravou sozinha o conteúdo. A narração tem ecos e imagens desfocadas, conforme a professora se movimenta para captar imagens das páginas, criando ruídos para a compreensão da mensagem. Ela faz uma explicação detalhada de cada atividade e vai acompanhando a leitura das páginas com o dedo. A professora enfatizou que gravou esse vídeo porque foi cobrada pela gestão da escola porque os pais haviam reclamado que o conteúdo que ela enviada não estava “bem explicado”.

É nítido o empenho da professora para explicar com clareza cada uma das atividades. O dedo seguindo a leitura atrai a atenção para os detalhes do texto e é ele o principal elemento informacional do vídeo como um todo.

Figura 5 – Still do vídeo 3 produzido por professora



Fonte: da pesquisadora

VÍDEO 4 – CIÊNCIAS DA NATUREZA – 3º ANO ENSINO FUNDAMENTAL

Trata-se de um remix planejado pela professora 4 feito a partir de duas aulas disponíveis no Youtube. A edição foi feita pelo filho dela, conforme depoimento, e o objetivo era explorar a importância da água para os seres vivos, conforme componente curricular de Ciências da Natureza para o 3º ano do EF. Juntos os vídeos têm a duração de 8 minutos e 26 segundos e podem oferecer as bases do conhecimento para o trabalho do professor. Conforme Siqueira (2005), “a característica desse formato é elencar unidades de informação de modo enxuto e linear.

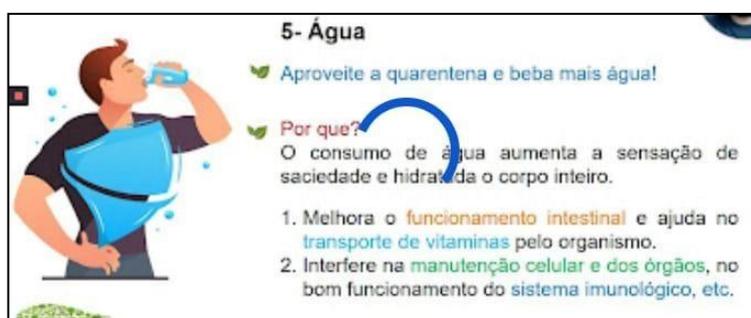
O remix mostra plantas existentes em cada região do país e como cultivá-las. Em seguida, são apresentadas imagens de plantas, animais e seres humanos, com frases coloridas e uma voz masculina falando sobre a importância da água para a vida humana. A entrevistada explicou que como tinha que seguir os conteúdos do livro didático, e ela precisava colocá-los no roteiro que ia para site da Secretaria Municipal de Educação. Então ela pediu ajuda ao filho para encontrar vídeos que tratassem do assunto e ele fez aquela montagem. Embora não tenha ficado satisfeita como resultado, ela disse que já estava ficando “com dó” do filho por ter de trabalhar tanto gravando e editando os vídeos que ela pedia. De fato, há uma mistura de estilos que, potencialmente, pode mais confundir do que esclarecer o aluno sobre o que está sendo abordado.

Figura 6 – Still do vídeo 4 produzido por professora



Fonte: da pesquisadora

Figura 7 – Still do vídeo 4 produzido por professora



Fonte: da pesquisadora

Falar da sobrecarga de trabalho do professor não é o tema central desta pesquisa, mas é um fator que influencia o modo como a produção de conteúdo foi possibilitada. Embora estivesse plenamente consciente de que o remix não fazia muito sentido, ela o enviou mesmo assim, para não “frustrar ou incomodar mais o meu filho”. Ou seja, a falta de infraestrutura mínima por parte do Estado acabou sobrecarregando um adolescente e gerou estresse no ambiente familiar da professora. Estamos falando de uma mulher que precisou, ao mesmo tempo, cumprir uma obrigação profissional e evitar que o trabalho esgotasse o filho que a estava ajudando.

VÍDEO 5 – LÍNGUA PORTUGUESA – 4º ANO ENSINO FUNDAMENTAL

A entrevistada 5 informou que o seu vídeo foi gravado para ser enviado o grupo de WhatsApp dos pais de três turmas de 4º ano do EF para trabalhar regras ortográficas da disciplina de Língua Portuguesa, componente curricular de Linguagens.

O vídeo tem duração total de 15 minutos e 38 segundos, mas segundo ela, “ouve reclamação dos pais sobre o conteúdo extenso e vídeo longo” e por isso, ela precisou dividir o vídeo original em diversas partes e gravar mais conteúdo adicional para explicar também as regras da nova ortografia. Segundo a professora o vídeo era “suporte para a atividade do roteiro semanal colocado no site oficial da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba para os alunos imprimirem ou acompanharem pelo computador.”

Siqueira (2005) afirma que esses modelos de vídeos “podem oferecer as bases do conhecimento para o trabalho do professor,” pois são adequados para o educador introduzir, acrescentar e complementar um conteúdo, podendo servir de fonte de pesquisa para alunos responderem as atividades e outros professores utilizarem como material pedagógico. “O sucesso desse tipo de vídeo depende, no entanto, da habilidade que os produtores tiverem para planejar a programação. Geralmente trata-se de uma sequência de vídeos que precisa do suporte adicional de material impresso.” (conforme quadro da página 38).

A entrevistada explicou que o vídeo foi gravado na casa dela, utilizando um aplicativo digital chamado *Inshot* que ela baixou no próprio celular e que ela fez a gravação “do jeito que sabia”. Apesar de todo o esforço da professora para produzir esses materiais audiovisuais, e fazê-los compreensíveis para os pais, o resultado final tem som ruim, repleto de “chiados” e sons de pancada na vizinhança (provavelmente de uma obra). Durante a gravação, ela pede desculpas pelo barulho da panela de pressão e pelas pancadas na parede vindas da casa vizinha. Houve preocupação em simular um cenário de sala de aula: ela usa um quadro branco para anotar o que está falando. A iluminação é insuficiente e a edição provoca cortes abruptos que dificultam a compreensão da mensagem.

Este último vídeo é muito representativo do que aconteceu com as professoras. Sem formação ou experiência com o uso de tecnologias, vivendo todos os problemas da pandemia, tendo que cuidar da família e atender todas as exigências da escola e do pais, ela fez o que foi habilitada para fazer: ministrar aula. A diferença é que, naquele momento, ao invés de fazê-lo na sala de aula, ela fazia de casa, pelo celular.

8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa pesquisa temos coletadas experiências de cinco professoras com idades entre 34 a 58 anos, que lecionaram para o EF, anos iniciais, durante o Ensino Remoto Emergencial, na Rede Municipal de Ensino de Uberaba. Profissionais com pelo menos cinco anos exercendo a docência, outras com mais de 20 anos de carreira. São mulheres que precisavam trabalhar em dois turnos para ter um rendimento minimamente decente, porém viram suas cargas horárias serem diminuídas na pandemia, porque não participariam de atividades *in loco* na escola. São vivências de pessoas que são filhas, mães, esposas, mulheres e docentes com dupla e, em alguns casos, triplas jornadas.

Apesar de experientes no magistério, não tinham experiência com ensino remoto usando tecnologias digitais, até porque essa não havia sido uma preocupação da gestão pública até o surgimento da pandemia. Ao que tudo indica, tampouco foi uma preocupação durante.

No que se refere especificamente ao vídeo, o tema central desta pesquisa, embora elas também não tivessem formação e nem experiência com a produção, elas foram em frente e produziram conteúdo na base da tentativa e erro, ainda que por imposição da gestão. As entrevistas indicam que o apoio que deveria vir do sistema educacional, veio de parentes e amigos que as auxiliaram com questões técnicas. Outros aspectos importantes como conhecimento sobre gêneros e formatos, linguagem audiovisual, cuidados técnicos e planejamento para integrar o vídeo a outras atividades não chegaram até elas. Ainda assim, temos casos acertados como os dos vídeos 1 e 2. Esse mérito é exclusivo delas.

Os erros, se é que podem ser chamados assim, parecem ser mais consequência da falta de orientação especializada do que do empenho das docentes. Ao seu modo, elas incorporaram o audiovisual ao seu trabalho fazendo que sempre fizeram: ensinar os conteúdos curriculares. Foi o caso dos vídeos 4 e 5.

Tomando as entrevistas como um todo, o quadro sugerido é o de que as professoras acolhem o uso do audiovisual como recurso relevante para suas práticas de ensino e aprendizagem, sabem usar suas experiências com outros recursos educacionais para criar metodologias com o uso do vídeo e não se intimidam com a

experimentação. É um cenário bem diverso daquele que responsabiliza a resistência do professor pela permanência de metodologias “ultrapassadas”.

Um outro ponto que deve ser considerado aqui é que nem sempre os estudantes tiveram acesso ao plano criado pelo professor, por causa de problemas na logística da distribuição do material didático planejado pela Semed.

Na prática, o que vimos foi muito esforço tecnológico com pouco resultado em termos de participação e aprendizado. Diante das dificuldades logísticas, as próprias professoras foram entregar material didático nas casas de seus estudantes. Pode-se afirmar, com essa pesquisa, que houve professoras empenhadas em ofertar algum tipo de ensino, ainda que pressionadas pela tecnocracia, pelas condições de trabalho precárias e pela vida doméstica de mulheres.

Reforçando as falas das professoras, o Censo Escolar da Educação Básica do MEC (INEP, 2020) mostrou que cresceu para 17,2 mil, em 2020, o número de escolas públicas brasileiras em áreas urbanas que não possuem *internet de banda larga*. Assim, o sistema de ensino brasileiro fica impossibilitado de acompanhar a garantia de um efetivo e sistemático ensino remoto de qualidade para todos. A situação é ainda mais grave em zonas rurais, onde o número de escolas sem *internet* chega a 27,4 mil.

Enfim, parece que a utilização do vídeo durante o ERE não foi feita com o objetivo de enriquecer o planejamento, seguindo uma sequência lógica, dando um norte a um processo para desenvolver habilidades. Neste cenário, vimos o vídeo sendo usado pelas professoras como um “balão de ensaio,” na tentativa e erro, muitas vezes como forma de driblar a precariedade do momento.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa almejou investigar o modo como as professoras do Ensino Fundamental, anos iniciais, do Município de Uberaba, Minas Gerais usaram o recurso audiovisual em suas aulas no ERE, regulamentado pela Portaria MEC número 343, de 17 de março de 2020, que dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse o cenário de pandemia do Coronavírus - Covid-19.

Diante de um cenário inesperado e caótico, fizemos questões como: que recursos as professoras da educação básica tiveram à sua disposição? Que metodologias usaram? A quais estratégias de ensino e aprendizagem recorreram para ministrar aulas remotamente?

Partindo do pressuposto de que o vídeo teria potencial para ser usado como aliado importante no processo de ensino e aprendizagem, procuramos investigar se e como as professoras usaram esse recurso, que gêneros e formatos escolheram, que aspectos destacaram como positivos e negativos das experiências, se houve e como foi a formação para o uso dessas tecnologias.

As respostas das participantes revelam não só uma gestão ineficiente como um tom que talvez não fosse exagero chamar de “desesperado” para atender exigências impostas pelo sistema educacional, e que eram muito difíceis de serem atendidas. É de se considerar aqui que o audiovisual, embora potencialmente muito importante, acabou se transformando em mais um recurso para “passar o tempo” e entreter o aluno.

Ao término da pesquisa, podemos dizer que o objetivo proposto foi alcançado, uma vez que conseguimos caracterizar a experiência das professoras com o uso do vídeo, identificamos as redes de apoio (que não vieram do poder público, mas sim de colegas e familiares), o esforço profissional para combinar estratégias e metodologias adaptadas ao ERE.

Aspectos coletados das experiências indicam que o vídeo pode auxiliar as professoras de diversas formas, facilitam a inclusão de novas abordagens metodológicas, introduzem temas de forma dinâmica e motivadora e, lá na frente, podem promover uma participação ativa nas aulas. Mas, para que isso aconteça de fato, é preciso que os recursos audiovisuais sejam tratados de forma contextualizada e com objetivos didáticos esclarecidos. Essa parece ser uma lacuna trazida à tona:

nossas professoras aceitam a importância do vídeo, mas não conseguem ter uma compreensão qualificada do potencial pedagógico desse recurso.

Ademais, os achados dessa pesquisa podem contribuir para que as secretarias Estaduais e Municipais, diante dos anseios e sugestões solicitadas pelas participantes, possam refletir sobre as necessidades de inclusão de cursos formativos e práticos para o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, dando ênfase à produção de vídeos didáticos.

No que se refere às contribuições sociais dessa pesquisa, pode-se dizer que as experiências obtidas aqui contribuem para empoderar o lado das professoras e relativizar o discurso oficial de que medidas foram tomadas para oferecer um ensino, dentro das possibilidades, mesmo em um cenário de isolamento que transmitia a sensação de abandono para a educação.

Sugerimos que, a partir dessa pesquisa, os gestores compreendam que o fato dos conteúdos estarem disponíveis em diversas plataformas, por si só, não garantem a aprendizagem. As professoras precisam ter autoconfiança para fazer suas escolhas e precisam ter opções de escolha. Isso só acontece com uma política comprometida que, infelizmente, no período da pandemia de Covid-19, parece que não foi o caso.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e Escola – uma mediação possível?** São Paulo, Editora Senac, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 18 abril de 2021.
- _____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CARNEIRO, Vânia L. Q. **Castelo rá-tim-bum – o educativo como entretenimento**. São Paulo, Annablume, 1999.
- CHAGAS, Adriano. **A imagem portátil: celulares e audiovisual**. São Paulo: Appris, 2019.
- COMISSÃO CARNEGIE DE TELEVISÃO EDUCATIVA. **Televisão educativa: um programa de ação**. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1967. Título original: Public Television: a program for action.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63, 1995.
- LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo, Editora Senac, 2002.
- MELO SEGUNDO, Carlos Alberto Henrique de. **Gêneros audiovisuais digitais na criação de um modelo estratégico de produção e veiculação de vídeos para a internet**. 2021. 117 f Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de

Pernambuco. Programa de Pós-graduação Indústrias Criativas. Mestrado Profissional em Indústrias Criativas, 2021.

MORAN, J.M. **Vídeo na Sala de Aula**. In: Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: Acesso em: 16 nov. 2005.

_____. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. In: Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005, p. 96-100.

NÓVOA, António. **História da educação**. 1994. (Tese de Agregação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

SANTOS, Ricardo André Ferreira de Oliveira. **Vídeos online e ensino de Física: construindo critérios de qualidade para a escolha de conteúdo educativo a partir da proposta de competências midiáticas e informacionais**. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de. **Programas de TV didáticos para alunos do Ensino Fundamental: um exame dos pressupostos teórico-educacionais**. 2005. 308 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Escolar, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Araraquara, 2005.

_____. **Materiais didáticos de mídia-educação**. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 138, p.209-227, jan.-mar., 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 17. ed. São Paulo: Libertad, 2007.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista

O uso do vídeo por professoras da Educação Básica durante a pandemia: Erros e acertos

EIXO 1 – CARACTERIZAÇÃO DA ENTREVISTADA

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Qual instituição de ensino superior você se formou? E quando?
- 3- Quanto tempo de experiência em sala de aula você tem?
- 4- Você já trabalhou no ensino público? E no privado? Por quanto tempo?
- 5- Você já teve alguma formação para a utilização do vídeo na educação antes da pandemia?
- 6- Você utilizava vídeos em suas aulas antes da pandemia? Se sim, descreva uma aula típica com o uso do vídeo.

EIXO 2 – MODOS PRÓPRIOS DE USO DO VÍDEO

- 7- Você ministrou aulas no período remoto? Descreva como foi a sua experiência.
- 8 – Por ordem de “complicação”, quais foram as três principais dificuldades que você enfrentou para continuar lecionando durante a pandemia?
- 9 - Você criou alguma solução para alguma dessas dificuldades? Se sim, descreva como foi.
- 13 - Descreva uma aula típica que você ministrou durante o ensino remoto.
- 14 – Você fez uso do vídeo durante o ensino remoto? Se sim, descreva como costumava usar o vídeo.
- 15 – Como você avalia sua experiência como professora durante o ensino remoto?
- 16 – Em sua opinião, o que deu certo e o que deu errado no ensino remoto?
- 17 – Quais foram seus maiores acertos?
- 18 – Quais foram seus erros?
- 19 – Em sua opinião, quais foram os maiores erros e acertos da gestão pública na condução do ensino remoto?
- 20 – Que sugestões você faria aos gestores públicos para criar uma educação mais resiliente, que alcance e acolha os estudantes em situações como a vivenciada na pandemia?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa “O uso do vídeo por professoras da Educação Básica durante a pandemia: erros e acertos”. Nosso objetivo é compreender de que modo as professoras da Educação Básica se adaptaram às normatizações do sistema administrativo educacional, lidaram com questões de formação em condições geralmente precárias, que tipo de acesso teve às tecnologias e como avaliam o resultado da experiência. Sua participação é importante para que possamos tornar públicas as soluções próprias das comunidades escolares para manter a oferta de ensino remoto na pandemia e, assim, contribuir para a construção do conhecimento necessário para criar uma educação mais resiliente. Ao coletar e sistematizar práticas acertadas e erradas que um grupo de profissional desenvolveu em um período atípico, podemos trazer à tona um conhecimento tácito, não raro ignorado pelos gestores públicos e que forneça soluções eficientes e duradouras para problemas complexos. Caso você aceite participar desta pesquisa será necessário participar de uma entrevista semi-estruturada durante seus horários de intervalo ou de janela entre as aulas, com tempo estimado de 30 minutos. Os riscos desta pesquisa são o constrangimento ao descrever uma dificuldade ou responder alguma questão específica, bem como ter a identidade revelada. Para minimizar esses riscos serão tomadas as seguintes providências: 1. Faremos apresentação das perguntas antes e te deixaremos à vontade para responder as questões; 2. Seu nome e qualquer outro dado que possa revelar sua identidade serão ocultados em qualquer forma de registro e divulgação, para garantir o anonimato. Com os dados construídos na entrevista, esperamos produzir um quadro descritivo e interpretativo, vindo do chão da escola, que revele as soluções locais das professoras e suas escolas para problemas que tendem a passar despercebidos pela gestão de cima para baixo. Você poderá obter quaisquer informações relacionadas à sua participação nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, entrando em contato conosco. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo e poderá ter suas informações retiradas a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto às pesquisadoras.

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que sirva o estudo e a quais procedimentos serão submetidos. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não me afetará. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar da pesquisa “O uso do vídeo por professoras da Educação Básica durante a pandemia: erros e acertos” e e receberei uma via assinada deste documento.

Uberaba,//.....

Assinatura da participante

Pesquisadora responsável
Nome: Alexandra Bujokas de Siqueira
E-mail: alexandra.siqueira@uftm.edu.br
Telefone: 34 999419349

Pesquisadora
Nome: Leci Lessa de Carvalho
E-mail: lecy.lessa13@gmail.com
Telefone: 34 992043289

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COLETADAS

PROFESSORA 1

DADOS BIOGRÁFICOS:

P1 - Tenho 53 anos e minha formação em nível superior em Geografia, é, me formei na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 1999. Estou na sala de aula há 24 anos, no ensino público.

Você já teve alguma formação para a utilização do vídeo na educação antes da pandemia?

Não. É, eu nunca tive formação própria para usar o vídeo, e a pandemia foi a surpresa. Não só para mim como para todo mundo, né? Na produção do vídeo para ministraras aulas. Entramos de cara na produção do vídeo para ministrar as aulas na pandemia.

Você utilizava vídeos em suas aulas antes da pandemia? Se sim, descreva uma aula típica com o uso do vídeo.

Sim, eu usava vídeo em sala antes da pandemia, mas era assim, hum, deixe eu lembrar. Teve um dia que eu passei o filme do Lorax esse filme fala sobre o meio ambiente, eu dava aula para o 5º ano na rede pública, como já te falei antes. Então eu, como eu tinha Netflix, chamei a menina da informática que trabalha na escola para colocar minha senha no computador da escola e projetar o data show na parede e os alunos assistiram. Depois comentamos sobre o que eles acharam do filme. Se tiver o filme na Netflix eu faço assim, e quando não era assim, eu pesquisava o vídeo no Youtube e pedia pra pessoa da informática baixar pra mim e passar lá na sala. É isso.

Você ministrou aulas no período remoto? Descreva como foi a sua experiência.

É, eu ministrei aulas no período da pandemia né? Essas aulas do ensino remoto e essas aulas, é, foram mais através do celular pelo WhatsApp porque os meus alunos, eles não tinham celular, a maioria deles não tinham nem mesmo celular para acompanhar as aulas. É, muitos deles usavam celular quando os pais chegavam do trabalho. Então pelo WhatsApp eu enviava o documento no Word, com as atividades a serem realizadas, esse mesmo documento ele era impresso e deixado na escola para quem não tinha nenhum acesso nem a internet nem a celular, e o aluno à medida que ele ia fazendo a atividade ele fazia alguma

pergunta através do celular. E durante o horário de aula eu ficava à disposição das sete às onze e vinte e cinco, né? Cumprindo o horário de aula alguns alunos entravam nesse horário de aula e participavam ativamente do horário. Outros nem tanto. É, só davam bom dia, como se fosse uma chamada e não participavam da aula, mas era registrado como presença só falar bom dia eu tinha que validar a presença do aluno.

Por ordem de “complicação”, quais foram as três principais dificuldades que você enfrentou para continuar lecionando durante a pandemia?

As três complicações? É, foram: A gente não consegue agradar ninguém, né? Alguns pais reclamavam da gente responder as perguntas, as dúvidas, tirar as dúvidas dos alunos pelo WhatsApp e eles reclamavam do celular ficar sobrecarregado, né? De vídeo com explicações, vídeo extenso, com a atividade de correção. Segundo a pedagoga, né? Reclamando do tipo de explicação, do tipo de atendimento que você ministrava. E a pedagoga também reclamando que aluno não participava da aula.

Você criou alguma solução para alguma dessas dificuldades? Se sim, descreva como foi.
Solução para essas dificuldades, é, com o tempo, é, acabou que o a maioria dos alunos pegavam as atividades impressas nas escolas né? E dificilmente tiravam dúvidas pelo WhatsApp, porque os pais já começaram a dificultar o uso do celular para os filhos.

Descreva uma aula típica que você ministrou durante o ensino remoto.

Uma aula que foi fácil, que foi assim, do meu ponto de vista, rendeu durante esse período foi a de matemática. Gravar os vídeos, é, ensinando os cálculos, é fazendo as correções das atividades passo a passo né? Eu adquiri um quadro, coloquei num cômodo aqui da casa. E, no meu ponto de vista, facilitou muito o aprendizado do aluno e depois algumas mães que realmente acompanhavam essas aulas né? Elas falavam que lembravam do conteúdo que ajudou muito acompanhar o filho no momento da aprendizagem.

Você fez uso do vídeo durante o ensino remoto? Se sim, descreva como costumava usar o vídeo.

É, eu usei alguns vídeos da plataforma YouTube para acrescentar né? As aulas, alguns vídeos ajudaram muito porque mesmo é, o material sendo construído pelo dupla de professores de cada série, é, alguns vídeos eles tinham uma linguagem mais acessível, uso das imagens e facilitava a aprendizagem, a visualização ajudava muito. Meu filho também me ajudou muito nesse tempo, sabe ele tinha umas idéias muito boas, assim... as vezes ele pagava uns vídeos do youtube com princesas e juntava com outros de guerreiros, sabe, aqueles que os meninos

gostam, sabe aquele que tem luta, sabe? A mistura ficava legal, as princesas conversavam com os guerreiros aí virava um diálogo engraçado e as poucas crianças que via, gostava muito. Eu aproveitava né para ensinar as palavras usadas, o diálogo mesmo, a linguagem gestual, né? Agente tem que aproveitar tudo, né? As outras professoras até pediam esses vídeos para passar nas turmas delas. Algumas até dava umas idéias para meu filho fazer.

Como você avalia sua experiência como professora durante o ensino remoto?

Eu aprendi muito com o ensino remoto, consegui melhorar muito o meu trabalho com as tecnologias, né? Mas o uso da tecnologia só vai melhorando à medida que a gente vai usando, né? É, eu vejo que o os alunos retornaram mais lentos, estão assim resistentes em fazer as atividades e em sala mesmo a gente usando as tecnologias, usando data shows permitindo o uso do celular para algumas consultas, eles não estão muito afim de estudar e mesmo usando a tecnologia.

Em sua opinião, o que deu certo e o que deu errado no ensino remoto?

A tecnologia ajudou muitos para o ensino remoto da certo, e, assim... o online, sabe, as redes sociais ajudou muito, durante esse ensino remoto sim, ajudou. Mas é, o aluno, ele precisa aprender a usar melhor a tecnologia para o estudo, para o auxílio na aprendizagem, o nosso aluno hoje, mesmo com esse período de ensino remoto o celular para ele é só pra usar as redes sociais sem objetivos de aprender algo da escola, o aluno ainda não aprendeu a usar as tecnologias para efetuar uma pesquisa, assistir uns vídeos informativos, na área da ciências, da história, da geografia, ele ainda está muito preso a criar vídeos de TikTok, é, não diretamente para aprendizagem, só mais pra diversão.

Quais foram seus maiores acertos?

Os meus maiores acertos, eu acredito que tenha sido, é, conseguir melhor desenvoltura na gravação dos vídeos.

Quais foram seus erros?

O meu erros foi ter gasto muito em tecnologia, eu tive que trocar computador, eu tive que, é, investir em ring light, acabei não usando, né? Esse foi um erro, né? E o investimento foi assim a longo prazo, né? É, o retorno, eu pensei que iria alcançar um número maior de alunos e não alcancei.

Em sua opinião, quais foram os maiores erros e acertos da gestão pública na condução do ensino remoto?

A gestão pública, é, errou quando pensou que iria alcançar cem por cento, noventa por cento dos nossos alunos com ensino remoto, e isso não aconteceu. Os nossos bairros são carentes ainda de rede de internet, nossas crianças são de classe baixa e não têm acesso a celular, nós temos famílias que não têm celular, enquanto temos poucas que cada criança tem pelo menos celular, algumas têm celular, mas não têm acesso à internet, aí alcançar a educação, a informação para todas as crianças nesse ponto houve falha, né? Acertar a educação aqui no nosso município acertou em distribuir o material impresso, né? Disponibilizar para que as famílias buscassem nas escolas. Mas também algumas famílias não se propuseram a buscar o material. Comprometeu também a educação das crianças.

Que sugestões você faria aos gestores públicos para criar uma educação mais resiliente, que alcance e acolha os estudantes em situações como a vivenciada na pandemia?

Que é possível, né? Não está fora da nossa realidade. E o que os gestores públicos podem fazer? Liberar computadores, né? Nós temos aqui no nosso caso o Uca né? Mas tem que ser um Uca que realmente funcione para cada aluno. Outra sugestão é acesso à internet pública, como como tem algumas capitais acesso de internet pública para que esses alunos, é, possam conseguir trabalhar, estudar em casa. E em caso de, Deus me livre né? Uma nova pandemia né? Porque nós não estamos livres disso. É, assim como em algumas capitais tem acesso a internet em pontos de ônibus, poderia ter esse acesso pública em vários bairros da cidade, onde a área de cobertura pudesse ser acessada diretamente dos lados onde esses alunos pudessem estudar com esses computadores públicos em segurança em sua própria residência.

DADOS BIOGRÁFICOS

P2 - tenho 58 anos Sou formada em pedagogia pela UNIUBE me formei em 2005. Em 2008 terminei a gestão escolar Especialização pela Universidade Castelo Branca. Em 2016, fiz especialização em docência na educação infantil pela UFU. Iniciei o curso de mestrado na UNIUBE em 2012, mas fiz apenas as disciplinas eletivas, pois no momento eu não tinha como pagar as mensalidades.

Você ministrou aulas no período remoto? Descreva como foi a sua experiência.

Sou aposentada com 25 anos de sala de aula no setor público e mesmo depois de aposentada continuei na educação como professora da sala de 7 anos e do segundo ano do ensino fundamental também numa escola pública, foi nessa sala em que eu estava no momento da pandemia no segundo aninho. Sempre dei aulas em escola pública. Como tinha dito, na pandemia eu estava dando aula para o segundo ano numa escola municipal de Uberaba.

Foi aquela loucura, né, começa hoje, não, amanhã... iiiii foi passando, mas quando decidiu, foi muito difícil, senti dificuldade sim, porque foi um momento ímpar, um momento em que a gente teve que passar pelas nossas dificuldades tecnológicas né? E pegar mesmo a casa da gente e transformar ela numa sala de aula, comprar quadro, fazer um local né, onde você não tem mais privacidade, a família da gente não tinha mais privacidade, eu ficava com medo de alguma família discutir comigo e minha família ouvir aquilo.

Foi muito constrangedora a experiência, imagina o pai estar assistindo, às vezes te gravado, e você ali para começar as aulas com seus alunos. Sem saber quem realmente estava ao lado das crianças, te ouvindo... eeee ... foi meio esquisita essa experiência.rararara nossa! Por que assim... eu dei aula pelo Google meet, pelo Google sala de aula e pelo whatsap. Foi cansativo!

Você já teve alguma formação para a utilização do vídeo na educação antes da pandemia?

Não, nesses anos todos que eu dou aula, nunca tive uma formação, assim... éééé, voltada para usar o vídeo, não. Pra falar a verdade, o vídeo nas formações eram só para motivar. Sempre tinha um vídeo gravado, mas com imagens e mensagem motivacional, mas nunca ensinaram a gente a gravar ou usar um o,oooo vídeo na sala, eeeee algumas vezes a gente nem conseguia assisstir ou ouvir o vídeo por que a internet era lenta.(risos) ruim mesmo,sabe?

Você utilizava vídeos em suas aulas antes da pandemia? Se sim, descreva uma aula típica com o uso do vídeo.

Não, eu mesma não usava o vídeo na aula, porque não tinha televisão na sala, o aparelho que a diretora dizia que a gente poderia usar, sempre estava quebrado ou ocupado.iiii eu sempre dei aula em escola pública,né, toda minha carreira. Eeee eu lembro que teve um ano e eu dava aula no terceiro ano do fundamental, e na escola tinha quatro terceiros anos, dois matutinos e dois vespertinos, era uma escola grande, e aí, essa diretora pediu para que todos os terceiros trabalhassem os mesmos assuntos, era só um plano de aula, era o mesmo plano para as quatro turmas iii, aí teve um plano que uma colega colocou que era assistir ao filme do rei leão para trabalhar a questão da família e dos amigos, juntamos as salas, eu dava aula de manhã nessa época. Mas passamos tanta raiva nesse dia, porque o vídeo não rodava, o aparelho que saía o som estava estragado, a claridade da sala também atrapalhava. Aí eu eu desisti.

Por ordem de “complicação”, quais foram às três principais dificuldades que você enfrentou para continuar lecionando durante a pandemia?

Tive muitas dificuldades na questão de participação dos alunos, pois muitos não conseguiam a internet e ainda tinham os irmãos também às vezes que tinham aulas no mesmo horário pai e mãe com um celular só e também a gente abrir a casa da gente né. Às vezes, meu filho que mora comigo, eu tenho três filhos, mas dois são casados e um solteiro que mora comigo.Mas os outros sempre estavam indo lá em casa com meus netos. Então... Ele, o solteiro, estuda faculdade, sabe? Eàs vezes ele tinha aula no mesmo horário que eu, eeee tinha que apresentar trabalhos eeee deixar o microfone ligado também, aí ficava ele no quarto eee eu na sala, e assim... Tínhamos que procurar a parede mais bonita e arrumadinha da casa para mostrar né, tinha que escolher o melhor cômodo para as famílias dos alunos verem. Os aparelhos eletrônicos também, eu usava o computador dele, mas quando ele tinha trabalho para apresentar, aí, aí dificultava para mim.

Então... Né? Eu acho que uma complicação foi dividir espaço e aparelho tecnológico com meu filho. E acho que isso dificultou muito gravar mais vídeos sabe! Outra coisa assim... eu acho que foi empecilho sabe, foi encontrar uma parede adequada para mostrar nas câmeras na hora da aula. O vídeo precisa de ambiente legal, né? Bonito e minhas paredes não estava legal. (risos) tive que pintar pelo menos uma,

Gravar as aulas, eu não sei mexer com vídeo, nem com essas tecnologias todas, meu filho que me ajudava,quando ele podia. E iiiiii ajuda até hoje.

Você criou alguma solução para alguma dessas dificuldades? Se sim, descreva como foi.

Eu pintei uma parede e coloquei um quadro branco que eu tinha comprado para explicar os conteúdos aos meninos. Ficou até bonitinho. Nessa parede eu colava Eva, muitos papéis que os meninos pudessem ver pelo Google meet. Era uma turma de alfabetização, então eles precisavam ver letras, números, muita imagem. E iii a maioria das aulas eram pelo Googlemeet, por que foi exigido pela escola que eu abrisse o meet no horário da minha aula e ficasse de plantão para os alunos entrarem.

A prefeitura tinha feito um email institucional para nós, professores, e os alunos entravam com emails dos pais. Mas as vezes não dava certo. Era uma loucura, tinha email, que não conseguia entrar, e os pais ficavam me culpando. Eu ligava na escola, mas ninguém respondia, diziam que era eu que não estava sabendo mexe. Até outras colegas nas reuniões online falarem que também tinham alunos que não conseguiam entrar com os emails dos pais deles. Foi aí que eu vi que o erro não era meu. Mas não teve solução para isso não, quem conseguiu entrar, bem, mas quem não entrava perdia, né. O chato é que depois cobrava de mim a quantidade de alunos.

Os alunos que não assistiam às aulas, eu imprimia as atividades e entregavam na casa deles.

Descreva uma aula típica que você ministrou durante o ensino remoto.

Mas assim umas das minhas aulas que eu achei que mais deu certo foi que eu filmei. Meu filho filmava eu dando aula, iii e aí eu, eu passava aquela aula para os alunos aí eu contava história, da história eu passava a explicações, interpretação no quadro e ele sempre me filmando. Aí quando eu abri aquele horário de aula com os alunos porque eu tinha que justificar meu salário, como a diretora dizia.

Porque para mim era mais fácil do que ficar mexendo em todas as tudo que sim o Google apresentava para a gente em sala de aula mas a gente ainda não sabia eu pelo menos não sabia mexer né e acho que uma coisa que deu certo depois o senhor conserta o tempo foi o engajamento dos Pais da parceria dele então a gente e qual é conectava né às vezes mandava até aquela aula né por WhatsApp todas as crianças assistia eu depois tive um aluno também que ele era um aluno

Você fez uso do vídeo durante o ensino remoto? Se sim, descreva como costumava usar o vídeo.

Sim, eu usei muito vídeo do youtube, do facebook, eu até gravei vídeo com aulas minhas mesmo, explicando o conteúdo. Mostrando o como os meninos deviam fazer algo. Sabe?Meu

filho me ajudou muito, ele conseguiu recortar sabe vídeo do youtube com trechos de filme, de desenhos e aulas de algum tema mesmo. Sabe, ele me ajudou tanto coitado que ficou esperto nesse negócio de vídeo.

Mas, assim... É o que eu mais gostei mesmo, foi quando ele gravava as minhas aulas. Parecia que eu estava na televisão mesmo, em algum programa. Hahaha. Ele gravava no celular mesmo ou colocava pra meet pra gravar. Depois eu só mandava essas aulas no grupo de whatsapp para os outros alunos. Assim, né! Eu já estava até me adaptando sabe? Eu comecei a falar melhor, mais explicado, sabe. Depois eu gostava de me ver no vídeo.

Como você avalia sua experiência como professora durante o ensino remoto?

Assim eu acho que foi muito constrangedora, assim... dar aula pela internet aí eu me senti assim como uma pessoa mesmo da televisão falando, né? Eee a gente tinha que ter muito cuidado como que falava pois tinha que dar a mesma atenção para todos os alunos porque os pais estavam vendo. Então pensar muito no que falar, preparar muito bem as aulas, eu tinha dificuldade demais.

Outra coisa é que os alunos mandaram as tarefas todas escritas para eu ir buscar na escola, e muitas vezes, a tarefa estava até com a letra dos próprios pais né? Eu via que quem fez a atividade foi outra pessoa, não a criança. Aí eu como eu ia avaliar a criança, se eu nem sabia como ela tinha feito a atividade. Mas eu tinha que fechar nota e passar a criança de ano.

Em sua opinião, o que deu certo e o que deu errado no ensino remoto?

Olha... eu acho que não teve nada certo, nesse momento maluco da nossa vida. Todo mundo perdido, a gente recebia uma orientação um dia, no outro já chegava outra orientação. Ficamos desorientados. Não sabíamos usar nada e éramos criticados o tempo todo. Os cursos oferecidos era falho, os palestrantes confusos também, sabe! As plataformas dava muito erro. E assim... n'ós vamos ver o reflexo disso no futuro. Eu lembro que eu tive um aluno autista e ele não acompanhava as aulas, então eu buscava aquele aluno pra minha casa, as vezes os pais dele levava ele lá pra casa e eu dava todas as atividades para ele em casa. Eu passava as coisas para ele porque eu achava que eu não podia deixar nem uma criança de fora e principalmente uma criança com deficiência, e ele vinha para minha casa e eu passava as coisas para ele porque eu achava que eu não podia deixar nem um aluno de fora. Principalmente uma criança com deficiência. Desse jeito eles aprendiam, mas eu não podia levar todos os alunos pra dar aula na minha casa.

Eu acho que a forma de acompanhar as crianças foram muito falhas. Foi muita mentira. Era só a criança levar a atividade que ela tinha nota boa.

Quais foram seus maiores acertos?

O que deu certo? Certo. Depois de algum certo tempo foi o engajamento dos pais a parceria deles. Apesar de que tinha aluno que nunca parecia. Então a gente ia atrás, na casa mesmo. Eu levava a seqüência didática que tinha impressa na escola e ia levar na casa deles, um por um. Mas eu percebi que aumentou o numero de pais que começaram a participar das aulas. Só que depois ficou sem controle, eles queriam respostas a qualquer hora do dia.

Quais foram seus erros?

Então, foi muito bom os pais terem se envolvidos, porém eu acho que eles ficaram sem limites, e eu acho que foi um dos meus erros, eu atendia e eles se acostumaram e achava que era obrigação minha responder a qualquer momento do dia e da semana. Foi um erro, eles, os pais, não tinha esse momento para falar com a gente queria uma resposta qualquer hora, tinha uns que vinha pedir a tarefa de novo, duas três vezes, tinha outros que no domingo à noite ficava te pedindo a tarefa para segunda-feira. E se agente não responde, eles iam à secretaria falar mal da gente. Então... isso foi desgastante e também.

Outro erro foia gente falar muito, a gente falava muito, assim...era 50 minuto, uma hora de aula falando, mas parece que era assim que a gente já tava naquela sala de aula como se fosse o dia todo porque, assim... é desgastante para nós, a gente não tá acostumado né? Eu ficava angustiada com o tanto que eu tinha que falar. No final de semana eu não queria falar com ninguém mais.

Na sua opinião, quais foram os maiores erros e acertos da gestão pública na condução do ensino remoto?

Eu acredito que essa aula híbrida né nunca vai acabar, e acredito até que possa até a gente começar a trabalhar em casa mesmo, uma parte com o ensino remoto né o ensino à distância e a gente mesmo dá aula para os alunos da casa da gente, uma parte uma parte presencial, e uma parte pela internet mesmo né. Eu acho que o acerto foi ter dado essa oportunidade da gente conhecer o ensino remoto o hibrido. E que eu acho que foi válido, muitas crianças conseguiram aprender, porque dependeu muito da ajuda da família, eu digo isso porque quando nós voltamos o ensino presencial, aquelas crianças que participaram das aulas remotas elas sabem mais, do que aquelas que não fizeram nada. Vimos que elas não foram prejudicadas.

Então, por isso eu acho que foi acertado liberar as aulas pelo computador, whatsapp, pelo youtube, instagram, porque ficamos conhecendo uma outra forma de estudar, pelo homeschool. Mas o grande erro tambémé pelo fator econômico, né?Eu acho que faltou apoio do governo. Eu me senti sozinha. Eu sabia que eu tinha que me virá. A prefeitura queria

DADOS BIOGRÁFICOS

P3 - *Ééé Tenho 39 anos, sou Bacharel em Turismo pela UNIUBE em 2008. Tenho Licenciatura Plena em Geografia pela UNIFRAN em 2013 e Pedagogia também pela UNIFRAN em 2018. iiii Também tenho Pós Graduação em Coordenação Pedagógica e Planejamento pelo Instituto Cândido Mendes*

Sim, dou aula já tem 13 anos e eee sempre trabalhei no ensino público, Por causa do meu magistério e depois da minha geografia, eu já trabalhei em todas as etapas da Educação Básica.

Você já teve alguma formação para a utilização do vídeo na educação antes da pandemia?

Formação para usar o vídeo? Não, eu nunca tive formação para usar o vídeo na sala, nem antes, nem depois da Pandemia.

- Você utilizava vídeos em suas aulas antes da pandemia? Se sim, descreva uma aula típica com o uso do vídeo.

Sim, eu já usei o vídeo do youtube sobre placas tectônicas, Formação dos continentes, documentários, aa eee outros vídeos que eu achava interessante. Descrever a aula? Então... no vídeo do youtube eu selecionava um que tivesse um professor falando, explicando sobre o conteúdo que eu queria passar e depois eu colocava as perguntas no quadro e conversava com os alunos.

Você ministrou aulas no período remoto? Descreva como foi a sua experiência.

Sim, na pandemia eu dava aulas para uma turma de 5º ano no município e a tarde eu trabalhava com geografia com os alunos do 6º ao 9º ano no Estado. Foi bem difícil, os alunos não entravam nas aulas, não havia interesse nenhum da parte deles, muitos não tinham em casa, computadores e nem internet.

Tive que trocar meu celular, aumentar a minha internet e não tive apoio nenhum do governo, perdi completamente a minha privacidade, pois os alunos me mandavam mensagem o dia todo, e de madrugada também. Foi bem difícil.

Por ordem de “complicação”, quais foram as três principais dificuldades que você enfrentou para continuar lecionando durante a pandemia?

Na ordem... Aaa,Então a primeira é que era tudo novo, dificuldade com acessos nos aplicativos que o Estado e a prefeitura mandaram. Na ordem... Aaa,Então a primeira é que era tudo novo, dificuldade com acessos nos aplicativos que o Estado e a prefeitura mandaram. E não sabia entrar no Google sala de aula, nem no site pra pegar as seqüências, i,i, nem no conexão escola.

Eu acho que a complicação dois é que os alunos eram sem condições financeiras para acessar internet. Eeeee a três ééé que é que, meu aparelho não suportava tantas atividades. Mesmo com os aplicativos do governo, os alunos quando mandavam as atividades era no meu zap.

Você criou alguma solução para alguma dessas dificuldades? Se sim, descreva como foi.

Sim, eu comprei uma moto pra ver se eu economizava na gasolina que tava cara, viu! e levava o PET e as seqüência didática na casa dos alunos. Só que para receber a devolutiva dos alunos era uma luta! Eles não devolviam lá na escola, muitos alunos voltaram para cidade de origem, mas, mas não entregaram as atividades.éééé a solução foi... não usar a tecnologia, eu mesma, praticamente abandonei a tecnologia, por que a maioria dos alunos nem entrava na aula online. Então assim... eu tive que não usar o vídeo,eu até indicava, deixa no no grupo de whatsapp, mas. não foi visto né? O duro é que eu tinha que dar nota e validar a freqüência deles, eee como eu ia fazer isso, se eu não tinha as atividades impressas e nem eles deixavam no aplicativo. Mas eu, eu acho que nem eles nem os pais deles não sabiam mexer no aplicativo.

13 - Descreva uma aula típica que você ministrou durante o ensino remoto.

Teve muitas aulas boas, mas vou contar de uma que foi sobre as Regiões Brasileiras. Eu pesquisei antes no site do Google um vídeo que explicasse as regiões e mandei o link no whatsapp dos meninos e deixei anexado nos aplicativos. Aí, eles entravam no blog e pesquisavam, copiavam no caderno as regiões e mapa do Brasil, depois eles tiravam foto eeeeee arquivava a foto no aplicativo, Assim, né foram poucos os alunos que participaram, mas eu gostei dos trabalhos enviados. Só que assim, eles mandavam no aplicativo e ainda mandava no meu whatsapp, parece que eles pensavam que eu não ia ver no aplicativo. Aí eu tinha dois registros no meu celular.

Depois de tudo e ter escolhido as imagens, sabe? Os alunos criavam um vídeo com as imagens que encontravam, sabe, só que o envolvimento foi muito pouco, mais eu acho que mesmo assim valeu a pena, né? Eu prefiro pensar assim...assim, foi um ponto positivo, não foi? Mesmo pouquinho dos alunos envolvidos, mas foi uma vitória.

1Você fez uso do vídeo durante o ensino remoto? Se sim, descreva como costumava usar o vídeo.

Sim, aos poucos fui aprendendo a manusear o aplicativo e colocar na tela para mostrar a eles vídeos sobre a matéria. Eu buscava, assim, uns vídeos nos blogs que trazia assunto do tema que ia trabalhar com os meninos. Mas assim... eu o que eu achava complicado em passar vídeo, era que eu tinha que assistir os vídeos bem antes e assim, a gente precisa de muito tempo pra planejar com o vídeo, você sabe que temos que assistir tudo antes pra não ter linguagem ou sei lá algo impróprio pros meninos né? E assim, menina, eu já não agüentava mais ficar na frente de um computador e de um celular, minha cabeça já doía, Meus olhos também doía, troquei até os óculos. De verdade, eu já não agüentava mais. Eeee depois o retorno era tão pouquinho, sabe...

Olha, eu lembro que numa aula minha, eu sugeri que os alunos fizesse um vídeo mostrando uma experimento de ciências, sabe? E uns quatro alunos meu que fizeram o vídeo com ajuda dos pais.. Um deles, ensinou a fazer uma receita, foi legal, eles iam ensinando como fazer a receita. Outro fez umas misturas de produtos e aí foi mostrando como fazer as misturas para dar certo. Teve um que ensinou até a como plantar e limpar a plantinha. Eu gostei muito,sabe?e comecei a pedir mais vídeos assim, mesmo com pouca participação. Teve um pai de uma aluno que até criou um vídeo de tiktok , fiquei muito feliz sabe?

Como você avalia sua experiência como professora durante o ensino remoto?

Não, não, eu não digo que minha experiência foi boa, pois não consegui alcançar nem 50% por cento dos acessos dos alunos, eeeisso dificultava o aprendizado dos mesmos eeee acabava tirando o interesse de quem entrava nas aulas. Eu fico sem dormir até hoje, pensando nesses meninos que eu não alcancei, né que a educação abandonou, né. lllll o pior é que muitos alunos não voltaram para escola, eeee muitos sumiram eeee eu não, não sei onde estão, se desistiram de estudar e eee sabemos

que tem família que não se importa com os estudos, então se a criança não quiser estudar e já era...

1 Na sua opinião, o que deu certo e o que deu errado no ensino remoto?

Eu, eu considero que nada deu certo, pois não alcancei 100% dos alunos.

A falta de interesse e a falta de condição financeira deles, dificultou completamente meu trabalho. Eu ia nas casas entregar o material impresso, mas eu não tinha o retorno. Quando, eue, eu ia buscar as sequencias escritas, o papel estava sujo ou a família não sabia onde estava. Foi, foi difícil.

Mas assim... olhando por um lado bom, eu aprendi a usar muitas ferramentas tecnológicas que eu não usava, sabe? Eu acho que eu poderia ter aprendido muito mais, só que não assim, a gente fica atolada em papel, e tinha muito pouco tempo para gravar vídeos, planejar assim, uma aula bacana, sabe. Era muita planilha, muito roteiro e muitaseqüência didática que agente tinha que preencher e ainda tinha o papel do home Office. Era muito papeli é isso sabe, eu acho que a agente podia aprender mais até pra, pra continuar depois no presencial, né? Era aos pouquinho, sabe, aos pouquinhos eu ia melhorando, né?

Quais foram seus maiores acertos?

Ah... mesmo com tanta dificuldade, eu digo que a entrega das seqüência didática e dos Pets nas casa dos meninos foi onde eu consegui fechar algumas notas e registrar freqüência dos aluno.

Quais foram seus erros?

Eu, erreí muito em lidar com a tecnologia. Eu sei que os alunos gostam desses equipamentos tecnológicos, desse negócio de internet só que eu não sabia mexer nesses aparelhos, rarrara, então como eu ia cobrar dos meninos se nem eu sabia mexer. Então queria passar vergonha.rarararra. Mesmo assim, eu pedia para eles pesquisarem nesses blogs, nessas páginas com algum conteúdo. No Google mesmo, sabe?E assim.... oooo vídeo é muito bom,só que assim nossa internet tinha que ser muito boa para poder passar um vídeo completo, sem parar. Voce deve ter passado por isso, né? Eu planejava passar um vídeo, só que muitas vezes não deu, né, aí eu tive que ir pro plano B.

Na sua opinião, quais foram os maiores erros e acertos da gestão pública na condução do ensino remoto?

ÉéééA falta de deapoio financeiro dificultou muito, porque a internet não suportava tantas atividades, tantos aparelhos. Ééé Tanto celulares, quanto computadores esgotavam espaços, e tudo eu tinha que comprar do próprio bolso, sendo que as aulas também estavam bem diminuídas. Perdi né? Perdi muitas aulas excedentes que eu tinha. Passei por uma grande dificuldade financeira, e tinha que ter tudo funcionando.

Que sugestões você faria aos gestores públicos para criar uma educação mais resiliente, que alcance e acolha os estudantes em situações como a vivenciada na pandemia?

Eu, eu penso que o Governo devia dar acesso gratuito de internet tanto para os professores, quanto aos alunos. Bastante curso para usar essas tecnologias, sabe.... Esses aplicativos, por que tem menino que fica rindo da gente por que não sabemos gravar vídeos, abrir uns aplicativos, sabe... Podia ter bastante curso, ma eles só mandam pra gente preencher papel. (risos).

DADOS BIBLIOGRÁFICO

P4- Tenho 42 anos, formei no magistério e meu nível superior é a Pedagogia. Na época eu estudei magistério aqui mesmo em Uberaba numa Escola Estadual iiiiii a Pedagogia na UNIFRAN a distância em dois mil e doze.

Quanto tempo de experiência em sala de aula você tem?

Eu sou professora já tem quase vinte anos, comecei a dar aula muito nova. Eu sempre dei aula para crianças, não gosto muito de ensinar adolescente não, minha paixão mesmo são os pequenos, assim... Dos quatros anos até uns dez. Minha mãe é professora aposentada e eu acho que isso influenciou muito na minha escolha.

Você já trabalhou no ensino público? E no privado? Por quanto tempo?

Simmm... Eu, eu dei aula numa escola particular, porém foi por pouco tempo, só três anos logo no comecinho da minha carreira, porém depois eu passei no concurso e fui pra prefeitura e estou até hoje, né.

Você já teve alguma formação para a utilização do vídeo na educação antes da pandemia?

Olhe, para usar o vídeo mesmo não, eu não lembro de nenhuma formação para usar o vídeo, só na Pandemia foi que a prefeitura deu uma live sobre essas tecnologias e metodologias ativas, mas assim... foi só uma live e pronto.

Assimmm. Uuuu assunto foi bem interessante, porém foi muito superficial, eu achei que foi pouco tempo.

Você utilizava vídeos em suas aulas antes da pandemia? Se sim, descreva uma aula típica com o uso do vídeo.

Olhe, lá na escola eu até usava vídeos antes da Pandemia, porém não era eu quem mexia nos aparelhos quando não era a bibliotecária, era o rapaz da sala de informática que levava os aparelhos lá pra sala e eu passava. Porém tinha que ser tudo bem agendado com muita antecedência, porque o rapaz não ia todos os dias pra escola. Isso já me desmotivava, porque eu tinha que passar o vídeo um mês depois que fechava o conteúdo. Como eu usava? Ah.. Assim, pra eu falar de uma aula? Olha... éééeu Eu olhava o conteúdo que eu ia trabalhar e via qual filme podia me ajudar a passar o conteúdo ou então algum vídeo do youtube, sabe com animações. Video com animação são muito bons para chamar a atenção das crianças e

sem falar que são rápidos, curtinhos, é uma maravilha... Teve um que eu fui trabalhar o descobrimento do Brasil, a época da colonização, aí eu achei um vídeo de uns doze minutos com muitas imagens de Cabral, dos índios, tinha navios e quando ia passando as imagens um home ia explicando, os alunos ficaram tão atentos(risos) achei aquilo tão bonitinho.

Posso dizer outra?entãota.... ééééé sabe aquele vídeo cordas? Você já viu? Nossa. Ele é lindo e fantástico para falar com os alunos sobre inclusão, sabe, recomendo. (risos)

Eu quis trabalhar a questão de respeitar as diferenças, né a inclusão de alunos com deficiência, aí escrevi no Google assim... Trabalhar inclusão na sala de aula e apareceu esse vídeo, aí eu,eu assisti e passei para meus meninos, a maioria dos meninos chorou com o vídeo. Foi bem bakana também. Aí a moça da biblioteca recomendou até para as outras professoras. (risos). Acho que exagerei na resposta né? (risos).iiii Mas o que eu não gostava de trabalhar com vídeo,também é que eu sempre tinha que chamar outra pessoas para me ajudar, iii demorava muito, iii isso acaba estressando agente. Uma dificuldade com o vídeo? Ahh... além dá internet que não rodava direito o vídeo, eu não sabia mexer, iiiiiiMeu computador ficava apagando, nossa, desligava do nada.

Você ministrou aulas no período remoto? Descreva como foi a sua experiência.

Nossa menina do céu... Eu dei aula naquela loucura da Pandemia (risos). Eu estava em duas turmas, tava no terceiro e no quinto ano do fundamental. A experiência não foi boa, não.(risos)foi tudo muito incerto, nossa (riso) hora volta, hora não volta, (risos) foi tudo doido, meu Deus! Nem sei o que te falar... Eu já não agüentava mais escrever aquelas planilhas. Nossa, era tanto papel que eu tinha que preencher que eu não aquentava mais, lá em casa eu tinha quase quatro caixas só de papel. Era planilha e planejamento que eu tinha que fazer toda semana e das duas turmas. Mas assim... minas aulas eu dava no primeiro momento pelo Google sala de aula,aí não deu certo, por que eu fazia, assim, eu pagava alguém pra, pra pra fazer uns questionário online e umas atividades para colocar nesse google sala de aula, sabe, ficava tudo muito bem arrumadinho, mais os alunos não respondiam, eles nem entravam (risos). Aí depois eu comecei abrir aulas no meet.Mas porém mais ou menos uns cinco alunos de cada turma é que entravam na aula aoline. Os outros me mandava mensagem pelo whatssap, então, acho que o papel deu ,mais certo de todos, eu e muitos pais me , me falaram que preferia pegar a atividade escrita,sabe, aí eu levava na casa desses alunos que era a maioria. Então... essas foi minha experiências.

Por ordem de “complicação”, quais foram as três principais dificuldades que você enfrentou para continuar lecionando durante a pandemia?

Minha irimã, complicação? (risos) teve muitas... primeiro eu nem sabia fazer nada nesse Google sala de aula, depois eu vi que os alunos nem tinham emails para entrar nele, depois o meet, meus alunos eram crianças e os pais trabalhavam, as empresas não param na pandemia como a prefeitura, então, né, foi difícil. Olhe eu recebia muita mensagem de pais me falando que na casa deles só tinha um celular e por isso os filhos deles não estavam assistindo aula. Ah... os pais diziam que estavam sem internet e só tinham dado móveis e acabava rápido. Nossa, eu morria de dó. Muitos pedia até comida, eu tive uma aluna que me pediu até pra eu ir acompanhar a mãe dela no hospital que estava de Covid-19, cê a credita? A aluna falou que como eu era adulta o hospital iam deixar ela com acompanhante. Parece que a família era do Maranhão e não tinha mais ninguém aqui pra ajudar. Pois é colega... essas foram minhas experiências, o difícil é colocar em ordem. (risos).

Descreva uma aula típica que você ministrou durante o ensino remoto.

No ensino remoto... bom é como eu falei, a escola pediu para eu criar um google sala de aula, aí eu pagava alguém para ficar colocando atividades naquele Google sala de aula, eu mandava as atividades escritas que eu queria e a pessoa mudava para esse Google sala de aula, mas não deu certo isso, aí eu fui abrir meet que também não deu certo, aí mandaram eu fazer umas seqüência didáticas no word para colocar no site que a prefeitura criou, eu vi que também não deu certo esse negócio, aí depois mandaram eu dar aula pelo grupo de whatsapp que também não deu muito certo e no final me mandaram eu entregar as atividade de casa em casa, e guardar as atividades em casa, foi que vi que eu consegui atingir muitos alunos e quando eu ia a noite eu alcançava mais alunos.

Você fez uso do vídeo durante o ensino remoto? Se sim, descreva como costumava usar o vídeo.

Olhe, eu tentei no Google sala de aula foi colocado alguns vídeos com conteúdos para os alunos assistirem e fixar melhor o conteúdo, porém eu sei que não adiantou, não tinha muita visualização, quase ninguém entrou pra vê.

Sabe aquele que conta história dos sinais de pontuação? Tem um no youtube que é muito legal pode ver... Então... aquele video foi um que foi colocado no Google sala de aula, iiiii no meet, porém os alunos não assistiram. Eu indiquei por escrito na sequencia lá do site da prefeitura, mas acho não viram, então nem sei o que te fala, eu fiz o uso, mas sei que os alunos não usaram, né?

Como você avalia sua experiência como professora durante o ensino remoto?

Menina, acho que nem sei avaliar aquela coisa de doido, foi coisa de maluco, sabe, estava todo mundo agoniado, preocupada, indeciso, sei lá, povo doido. Eles mudavam muito rápido de metodologia i, i a gente tinha que adequar rápido. A experiência não foi boa, não. Quando ia nas casas tinha aluno que pedia até pra eu comprar comida pra ele, nossa foi triste! Falava que tava sentindo falta da escola, dos lanches... Nossa Eu tinha que me segurar, por que o trem tava feio, iii meu salário não dava pra ajudar todo mundo, eu pedia pra algumas colegas e familiares, mas porém, nem todo mundo podia ajudar também né, iii isso era toda semana, credo!

Na sua opinião, o que deu certo e o que deu errado no ensino remoto?

Eu, eu acho que deu tudo errado, sabe... cada semana era um modelo de papel pra preencher, aí eu não sei se quem mandava era a escola ou a secretaria, sabe, parece que eles não planejava, pedia planejamento nosso, porém eles não planejavam, não sabia o que estava fazendo. Nem esperava assim, pelo menos um mês para ver como ia ser a aceitação, mais não era mudança toda semana.

17 – Quais foram seus maiores acertos?

Sabe, meu maior acerto foi não ter esperado curso da secretaria para usar os aparelhos de computador, eu já paguei logo e às vezes a pessoal ia lá em casa fazer para eu aprender. Eu sei que minha despesas aumentou, porém eu já entregava tudo pronto na data que eles mandavam. Iii é isso. Era tipo assim eu quero assim iii pronto, te vira!

Quais foram seus erros?

Meu erro eu achi que foi me envolver com as famílias, quando ia nas casas deles. Sabe eu queria ter usado mais maneiras de dar aula, sabe, mas porém não chegava até os alunos. Infelizmente meus alunos não aprenderam nada da serie deles, por que até as atividades escritas, eu acho que não foram eles que fizeram, por que tinha muita letra bem diferente. Sabe, agente não sabe se realmente foi o aluno que fez. Cada semana era um tipodeletra(risos).

Na sua opinião, quais foram os maiores erros e acertos da gestão pública na condução do ensino remoto?

Ai, nem sei deixe eu pensar ... será que eles planejaram o estavam fazendo? Sabe eu me questiono isso, eu entendo que era momentos difíceis, porém tem que planejar tudo é planejamento. Mas porém eles parece que não conversava entre eles. Assim ô, a escola

repassava o que agente tinha que fazer, aí quando a gente falava com a assessora da semed, ela dizia que não era daquele jeito, ai eu, eu ficava perdida.

O governo errou muito, sabe, acho que não teve acerto, só pra você ver, eu penso assim, já descobrimos novos maneiro de nos reunirmos pela internet, então por que não usar? Por que não continuar alimentando esse site,é uai, as crianças quando faltar na escola, para não ficar atrasado, as vezes, aquelas que podem, é só imprimir. Mas assim, tivemos tanto trabalho para aprender então por que não continuar? Ninguém sabe o dia de amanhã, vai que... sei lá! Nossa, eu já estava aprendendo a mexer no meetiiii agora acabou, ninguém mais usa isso.

Que sugestões você faria aos gestores públicos para criar uma educação mais resiliente, que alcance e acolha os estudantes em situações como a vivenciada na pandemia?

Nossa, eu primeiro eu ia sugerir que eles sentassem para planejar juntos e depois repassar para nós os professores, sabe? Ai. Assim, devia ter dado nootebooks para os alunos e emprestar e dar notebook para nós professores, por que assim... eu sofri também, meu notebook é muito antigo e não rodava rápido aí eu pega o da minha menina.

Lá em casa sou eu, minha filha de 14 anos e meu filho de 7 anos e assim meu menino tem autismo e as atividades dele e os atendimentos era tudo online, minha filha estuda também e na pandemia o dela também ficou online, pense foi difícil! Por isso que eu paguei alguém e assim, os horários de aula e atendimentos caia tudo no mesmo horário. Pense, então era minha filha que era sacrificava, por que o meu, eu não podia faltar, meu menino também tinha que fazer o acompanhamento dele,então, Era, era minha filha que fazia meu papel. Coitada! Assim... Minha filha estudava na Pandemia, na rede municipal, e se tivessem doado um notebook, éééé podia ser um tablet, sabe pra ela ou pra mim, ia ajudar bastante, sabe? Ah! Ter internet de graça, sabe, eu acho que ia ajudar. Sei que gasolina eles não vão dar, né? Mas eles podiam ter acrescentado uma verba a mais para irmos a mais casas, sabe? Olhe eu queria uns cursos,assim, sobre o autismo, saber conversar com o aluno que está se sentido solitário, sabe, eu recebi muitas mensagens de crianças que dizia que estava angustiada, sabe, mas eu ficava com medo de falar algo errado e prejudicar essa criança. Assim Sobre vídeos mesmo, sabe, tecnologia, como usar, mas sem o computador e a internet, eu acho que não ia adiantar muita coisa.

DADOS BIBLIOGRÁFICOS

P5 - Minha idade? Éé... Bom, tenho 34 anos, sou professora ááá oito anos,iiiiii... minha formação primeira foi a Pedagogia, fiz pela UFU em 2014, à distância, no pólo de Frutal, pela Universidade Aberta. E estou terminando História na UFTM.

Você já trabalhou no ensino público? E no privado? Por quanto tempo?

Sim, assim que eu me formei eu trabalhei no ensino público. Fiquei dois anos numa escola particular, aqui mesmo em Uberaba. Mas aí eu fiz o processo da prefeitura e fui convocada. É então já tem uns seis anos que dou aula na rede pública mais dois na rede privada.

Você já teve alguma formação para a utilização do vídeo na educação antes da pandemia?

Como minha faculdade foi a distancia, eu tive uma disciplina de ambientação, mas assim, era mais para explicar como ia ser os procedimentos da universidade para avaliar a gente. Mas nada específico assim, pra gravar vídeo sabe, mas era tudo transmitido pelo vídeo, mas assim... Que em nenhum momento foi ensinado o passo a passo de como gravar vídeo. Não isso, não mesmo.

Você utilizava vídeos em suas aulas antes da pandemia? Se sim, descreva uma aula típica com o uso do vídeo.

Usava. Eu usava muito vídeo antes da Pandemia, eu sempre gostei de mostrar o que faço na sala, sabe, é então... Eu gravo meus alunos fazendo as atividades para postar nas redes sociais da escola, sabe, mas era... o vídeo curtinho com fundinho musical, entendeu? Já na rede privada os pais adoram ver os vídeos dos filhos, lá eu já estava acostumada, só que assim... na, na rede pública as diretoras e as coordenadoras sempre me pediam os vídeos para publicar nas redes.

Como assim, uma aula? Um, entendi. Éééé assim... Eu gostava de passar vídeos com músicas educativas, Como eram crianças bem pequenas, eu passava o vídeo da música que tinha assim... Com bastante imagem eee, ia dançando com os alunos, ééé as vezes era para fazer alguma apresentação, sabe? Assim, dependia da série que eu estava lecionando. Já peguei aquelas dancinhas do tiktok... Eee já passei filme de motivação. Sabe, depende, sabe. Mas assim, eu passava muito vídeo antes da pandemia.

Você ministrou aulas no período remoto? Descreva como foi a sua experiência.

Vixe... Eu dei aula na pandemia, minhas aulas era pelo Google meet e pelo whatsapp. Foram liberados esses dois jeitos para comunicar com os alunos, aí eu usava esses dois.

Assim, eu antes da Pandemia estava como professora regente de uma turma e no outro período eu estava com um projeto de reforço, Mas assim... Na Pandemia eu fiquei como regente de um terceiro ano do ensino fundamental e perdi o projeto. As aulas de intervenção acabaram na pandemia.

Por ordem de “complicação”, quais foram as três principais dificuldades que você enfrentou para continuar lecionando durante a pandemia?

Ai, complicação? Três só?(risos)Perai... Eu acho que foi o financeiro, a perda das aulas do projeto desestruturou meu orçamento. Complicou um pouco. Por que lá em casa é o meu salário para tudo, menina! Eu sou mãe sozinha, né então tudo é o meu salário, pra tudo.

Então eu acho que o primeiro, assim na ordem, né? O financeiro complicou, por que assim... meu celular não suportava muito aplicativos e eu tive que baixar muitos aplicativos porque quando eu começava a usar bastante, tinha uns que começava a cobrar, pra as ferramentas de editar. iii você sabe, né? Pra editar os vídeos também você tem que ter um aparelho bom senão fia, você passa a vida de frente a tela por causa da lentidão do computador. E um vídeo ocupa muito espaço mesmo no drive, Você sabe, né? E assim, eu não podia apagar nada. Depois eu acho que, que foi u,uuu desinteresse sabe, os pais e os alunos não queriam acordar cedo para entrar na aula pelo meet, ou mandar no zap no horário normal da aula, não. Ééé eles não entrava e queriam que a escola mudasse o aluno de horário, acredita? Não olha,... ééééé tinha família que, que não podiam entrar, essas eu entendia, sabe? Só que outros não. Então acho que essa falta de interesse dificultou. Ai, sei lá... eram umas crianças apáticas, não abriam as câmeras, assim ,eéé eu me sentia tão sozinha, era estranho aquilo.

Eee o último, né? A falta de aparelho eletrônico, sabe? Celular, computador ou um tablet, sabe, algo que os menino pudesse assistir pelo meet ou mandar as fotos pelo zap. Entendeu? Sabe, assim... ééééé mesmo com vídeos maravilhosos, era pouco os alunos que valorizavam.

Você criou alguma solução para alguma dessas dificuldades? Se sim, descreva como foi.

Soluções, como assim?ÉéééPro financeiro, eu, eu apertei o cinto, (risos), mas mesmo assim, eu ainda tive que comprar um highline para gravar uns vídeos com aulas e contação de histórias para aula que a escola pediu. Ah... eu, ainda comprei umas coisinhas sabe, tipo cartolina pra fazer atividades pra gravar, pinceis anatômicos porque eu tinha que mostrar algo

no vídeo, não é? Sem falar dos materiais para fantasia das contações de histórias. Tudo era gasto, então, assim, não teve solução, porque precisava gastar para gravar uma coisa bacana. E sem falar que no dia das crianças, na páscoa e no final do ano, a direção sugeriu que as professoras do 1º ao 5º ano dessem presentinhos, lembrancinhas para todos os alunos, aí como eu ia fazer? Eu ainda estou no contrato, né? Como dizer não, e outra. Minhas colegas das outras turmas deram os presentes, como eu ia dizer não? Assim... Eu vi que pra esse caso eu não encontrei solução, né. Eu só parei de comprar as coisas pra minha casa, mas, porém pra escola não.

Ah, e também foi muito sugerido que agente entregasse lembrancinha no final de cada bimestre para motivar os meninos, sabe quando eu contei que percebi os alunos estavam sem vontade de fazer as atividades, me disseram que eu podia dar um chocolate com uma frase para cada aluno. Os que iam buscar na escola ou eu levar na casa deles. Aí eu compreinei e imprimi frases do meu bolso, por que na escola não imprime colorido. Só que eu não vi que deu muito resultado não. (risos) eu só gastei pra nada. O financeiro pra mim foi o pior.

Descreva uma aula típica que você ministrou durante o ensino remoto.

Uma aula... Ai Eu fiz uma vez os alunos gravarem um áudio no whatsapp e mandar no grupo mesmo ou no meu individual. Como a gente tava longe, né, e eu queríamos ver se os alunos sabiam ler, aí eu fiz isso, pedi pra eles lerem um texto que eutinha mandado por foto no mesmo grupo. Mas quase nenhum mandou.

Você fez uso do vídeo durante o ensino remoto? Se sim, descreva como costumava usar o vídeo.

Nossa, me deixa, eu pensar em uma bem legal eu gostei de uma que eu contei a história do gato malhado, eu, eu gravei em casa, sozinha mesmo e depois eu joguei no grupo de whatsapp da minha turminha e pedi pra depois de assistir os alunos desenharem um gato e colorir. Tive muito pouco retorno, mais eu achei legal essa aula. Outra? Ah, sim eu queria fazer uma brincadeira de leitura, sabe, os alunos ler e depois fingir que jogou o livro, aí outro aluno pega e começa a ler, sabe? Eu peguei um vídeo do tic toc que tinha parecido, foi legal também essa aula, mas também tive pouquíssimo retorno. Acabou a coordenador e a diretora pegar a ideia e fazer com os professores pra jogar na rede, assim a gente professor, leu uma mensagem pros pais e pros alunos.

Como você avalia sua experiência como professora durante o ensino remoto?

Apesar das dificuldades, eu acho que a educação precisava passar por isso, sabe. Foi muito tenso, mas mostrou que nós não estamos preparados para usar as tecnologias. Nossa, na minha sala ficou muito clara quem tinha condição financeira melhorzinha e quem não tinha nenhuma. Tinha aluno que até fez a atividade, mas só me mandava no particular para os colegas não ver a casa dele.

Em sua opinião, o que deu certo e o que deu errado no ensino remoto?

Certo? Meu Deus! Acho que nada deu certo. A não ser assim, os trabalhos que eu imprimia e levava na casa do aluno, então esse método eu acho que foi o melhorzinho, alcancei mais meninos.

Quais foram seus maiores acertos?

Eu acho que eu acertei nas gravações dos vídeos, sabe, nas gravações, Eu aprendi a usar muitos tipos de vídeos, sabe? Com imagem, cortar os que já existem, assim, eu me virei. As crianças gostam de vídeo, sabe, das imagens do vídeo. Eu busquei no youtube e fui mexendo nos aplicativos até aprender, sabe. Vc deve fazer assim também né? É bem interessante, né? (risos) A gente se vira mesmo né?

Quais foram seus erros?

Eu acho que planejei muita aula usando tecnologia só que meus alunos a maioria ficou resolvendo mais nas seqüenciadidática impressas, nem uns joguinhos que colocamos no site da prefeitura da minha escola, aquele online, você lembra? Eu perdi muito tempo mexendo no computador, gravando vídeo, e olha, o vídeo toma muito tempo nosso pra gravar, eu gosto de usar o vídeo, nossa, mas ele desgasta muito agente e o pior é que não virou nada, pra no final eu ter que levar as atividades pros meus alunos e eles nem assistir minhas aulas gravadas.

Em sua opinião, quais foram os maiores erros e acertos da gestão pública na condução do ensino remoto?

Ai difícil dizer viu? Mas assim... eu acho que a gestão pública errou em querer cem por cento da participação dos alunos e nem ajudar a gente professor, nós num tivemos suporte nenhum. Eles maracavam as lives e exigia presença online, só que assim, nem sempre eu tinha internet suficiente.

Acerto, ai, eu acho que quando eles deram as cestas básicas pros alunos, ai agente aproveitava quando os pais ia buscar a cesta básica e pra falar com eles, sabe, era o momento

mais certo de encontrar os pais. Foi assim, que eu conseguir pegar muitas atividades atrasadas dos alunos. No dia da entrega eu ia pra escola ajudar a distribuir e já falava com o pai. Eu também acho que o governo poderia pagar internet, sabe, tipo um vale internet para os meninos entrarem nas aulas, sabe?

Que sugestões você faria aos gestores públicos para criar uma educação mais resiliente, que alcance e acolha os estudantes em situações como a vivenciada na pandemia?

Aí eu acho que é isso. eu ia sugerir tipo um vale, sabe vale mesmo que desse direito aos alunos cadastrados no sistema, sei lá, ou matriculado na escola, assim, né? Um vale internet. Ou uma plataforma que não precisasse ter internet. Ah! Podia dar também um computador pra cada aluno, sabe? Mas isso parece coisa de outro mundo, né?

Eu acho também que podia ter uma disciplina online, assim, em toda educação básica, mesmo sem a, a pandemia, éé, só pros meninos já acostumar ou num perder o costume de usar essas tecnologias. Entendeu? Tipo as disciplinas da educação a distancia, sabe poderia ter na Educação Básica, assim, um dia na semana o aluno estudar online e fazer prova, entendeu, tudo como uma disciplina presencial. Pra gente e eles não perder o que aprendemos. Desculpa, pode ser bobeira, mas, porém eu acho que seria viável isso.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O uso do vídeo por professoras da Educação Básica durante a pandemia: erros e acertos

Pesquisador: Alexandra Bujokas de Siqueira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59691922.4.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.487.795

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO, de 14/06/2022) e do Projeto Detalhado (TEXTOFORMULARIO_CEP.docx, de 09/06/2022).

Segundo as pesquisadoras:

INTRODUÇÃO:

"Entre os problemas que explodiram na oferta de ensino formal durante a pandemia, o despreparo dos sistemas educacionais formais para assegurar uma educação inclusiva fora das escolas foi um dos mais evidentes. Levantamento divulgado pela UNESCO em 2020, cobrindo 180 países, estimou que cerca de 24 milhões de alunos (da educação infantil ao ensino superior) corriam o risco de não regressar ao ensino formal com a reabertura das escolas e outras instituições educacionais. Desse total, cerca de 10 milhões de estudantes seriam da educação básica. O documento recomenda que gestores e educadores encontrem formas de fortalecer a resiliência dos sistemas educacionais, de modo que se tornem ambientes atraentes e inclusivos. E o cenário brasileiro não foge à tendência internacional. Dados da pesquisa “Resposta Educacional à Pandemia de Covid19 no Brasil” conduzida pelo INEP, da qual participaram 97% dos estabelecimentos públicos de ensino indica,

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 5.487.795

entre outros resultados, que quase a totalidade de escolas públicas das redes estadual e municipal adotaram alguma estratégia não presencial de ensino que incluíram, por ordem de frequência: reuniões virtuais de planejamento e monitoramento das atividades (97,1% das escolas estaduais e 85,8% das municipais o fizeram); reorganização do planejamento das aulas (92,2% das estaduais e 89,9% das municipais o fizeram). Os números começam a cair quando o assunto são o preparo de professores e a oferta de recursos tecnológicos necessários. Assim, 79,9% das escolas estaduais e 53,7% das municipais tiveram algum tipo de formação para a oferta de ensino não presencial. Cerca de 43 % das escolas estaduais forneceram equipamentos aos professores, enquanto nas redes municipais esse número não chegou a 20%. Os números sugerem que houve mais dedicação à burocracia do que à solução de problemas. Apesar da tecnocracia, muitas professoras recorreram à experiência pessoal e ao conhecimento local para encontrar soluções para manter a oferta de ensino. E essas histórias precisam ser conhecidas, para auxiliar na construção do ensino resiliente.

É no cenário acima descrito que a pesquisa pretende investigar o modo como professoras da Educação Básica se apropriaram da tecnologia do vídeo para ministrar suas aulas no período de ensino remoto, durante a pandemia de Covid-19. O objetivo é compreender de que modo elas se adaptaram às normatizações do sistema administrativo educacional, como lidaram com questões de formação em condições geralmente precárias, que tipo de acesso tiveram às tecnologias e como avaliam o resultado da experiência.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, natureza básica, com objetivos descritivos, fundamentada principalmente na pedagogia engajada e na apropriação crítica das mídias digitais. A investigação vai coletar histórias pessoais de professoras da rede estadual de ensino de Uberaba, MG, a fim de compreender o tipo de conhecimento que foi mobilizado pelas professoras, como elas colocaram esse conhecimento em prática e como avaliam a experiência que tiveram no enfrentamento das dificuldades. Ao término da pesquisa, esperamos ter construído um quadro descritivo e interpretativo, feito de baixo para cima, que revele as soluções locais das professoras e suas escolas para problemas que tendem a passar despercebidos pela gestão de cima para baixo, em geral focada na tecnocracia".

HIPÓTESE:

"Apesar das decisões vindas de cima para baixo pela gestão do sistema público de educação na condução da oferta de ensino remoto durante a pandemia, o saber local de professoras experientes pode ter sido decisivo para a manutenção das atividades escolares".

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 5.487.795

MÉTODO(S) A SER(EM) UTILIZADO(S):

"Os procedimentos metodológicos usados serão a pesquisa bibliográfica (sobre práticas fundamentadas na Pedagogia Feminista, pedagogia engajada e apropriação crítica do uso do vídeo) e documental (estudo dos materiais, resoluções e outros documentos pertinentes que nortearam a oferta de ensino remoto durante a pandemia), entrevistas semiestruturadas com professoras da educação básica e análise de materiais e vídeos produzidos pelas participantes. Esse material todo será analisado em termos de dificuldades listadas, soluções apontadas e avaliação das participantes em termos de acertos e erros".

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS PARTICIPANTES:

"Serão incluídas na pesquisa as professoras que lecionaram na Educação Básica de ensino do Estado de Minas Gerais, durante o período pandêmico. Serão excluídos os professores do gênero masculino e professoras que atuaram apenas na rede privada de ensino ou que não pertençam à educação básica".

Objetivo da Pesquisa:

Consta:

"Objetivo Geral:

Compreender de que modo as professoras da Educação Básica se adaptaram às normatizações do sistema administrativo educacional, lidaram com questões de formação em condições geralmente precárias, que tipo de acesso tiveram às tecnologias e como avaliam o resultado da experiência".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo as pesquisadoras:

"O maior risco poderá ser o constrangimento ao descrever uma dificuldade ou responder alguma questão específica, bem como ter a identidade revelada. Para mitigar os riscos, faremos uma apresentação das perguntas antes e deixaremos as entrevistadas à vontade para responder as questões que se sentirem confortáveis para fazê-lo. Os nomes das entrevistadas serão trocados por nomes fictícios, a fim de garantir o anonimato".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 5.487.795

As pesquisadoras propõem realizar um estudo qualitativo com pesquisa bibliográfica (sobre práticas fundamentadas na Pedagogia Feminista, pedagogia engajada e apropriação crítica do uso do vídeo) e documental (estudo dos materiais, resoluções e outros documentos pertinentes que nortearam a oferta de ensino remoto durante a pandemia), entrevistas semiestruturadas com professoras da educação básica e análise de materiais e vídeos produzidos pelas participantes. Esse material todo será analisado em termos de dificuldades listadas, soluções apontadas e avaliação das participantes em termos de acertos e erros. O estudo será realizado com 10 participantes, professoras que trabalharam, durante a pandemia, nos Anos Iniciais da Educação Básica de Ensino na Rede Pública Municipal de Uberaba no Estado de Minas Gerais, que serão recrutados por conveniência. Serão realizadas: entrevistas.

Equipe de pesquisadoras vinculada na Plataforma Brasil:

Leci Lessa de Carvalho

Mestranda em Educação, PPGE - UFTM

Alexandra Bujokas de Siqueira

Orientadora junto ao PPGE - UFTM

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram adequadamente apresentados.

Recomendações:

não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS 466/12, CNS 510/16 e Norma Operacional 001/2013, o Colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, situação definida em reunião do dia 24/06/2022.

O CEP-UFTM informa que, de acordo com as orientações da CONEP, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil, o início do projeto. A partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), assim como também é obrigatória a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 5.487.795

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado em reunião de Colegiado do CEP-UFTM em 24/06/2022.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1922340.pdf	14/06/2022 19:57:41		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	14/06/2022 19:57:15	Alexandra Bujokas de Siqueira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Roteiro_de_entrevista.docx	09/06/2022 20:47:26	LECI LESSA DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_LECI.docx	09/06/2022 20:37:38	LECI LESSA DE CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TEXTOFORMULARIO_CEP.docx	09/06/2022 20:36:47	LECI LESSA DE CARVALHO	Aceito
Cronograma	Texto_Cronograma_CEP.pdf	05/06/2022 14:36:28	LECI LESSA DE CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 24 de Junho de 2022

Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

Assinado por:
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br